

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

BICHAT DE ALMEIDA RODRIGUES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória da saúde pública no Brasil

Entrevistado - Bichat de Almeida Rodrigues (BR)

Entrevistadores - Sonia Rodrigues e Solange Rodrigues (SO)

Data - 19/10/1995, 20/10/1995 e 23/10/1995

Local - Curitiba/PR

Duração – 2h45min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

RODRIGUES, Bichat de Almeida. *Bichat de Almeida Rodrigues. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória da saúde pública no Brasil*, 1995. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 59p.

Resenha biográfica

Bichat de Almeida Rodrigues nasceu a 7 de agosto de 1912 em Terezina, Piauí, mas com apenas um ano de idade seus pais mudaram-se para o Rio de Janeiro, onde ele teve toda sua formação escolar. Diplomou-se em 1936 pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu primeiro trabalho depois de formado foi como médico da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites do Setor Oeste de 1937 a 1939. Neste ano foi convidado por Evandro Chagas para trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz (IOC) no Serviço de Estudos das Grandes Endemias (SEGE). Em 1940 passou a ser assistente técnico do Instituto de Patologia Experimental do Norte (IPEN) situado em Belém, Pará; foi ainda médico da Delegacia Federal de Saúde da 3ª Região, que reunia Pará e Maranhão em 1941/42.

Em 1942 fez o Curso de Saúde Pública no Instituto Oswaldo Cruz do Departamento Nacional de Saúde, para em 1943 ser concursado do Ministério da Educação e Saúde como médico sanitарista.

A convite do Dr. João de Barros Barreto, foi Diretor Geral de Saúde do Estado do Paraná de janeiro de 1943 a novembro de 1945, tendo mudado para os Estados Unidos em 1946 a fim de realizar o Master in Public Health pela Universidade de Minnesota. De volta ao Brasil em 1947 foi morar na Bahia para orientar os trabalhos de reorganização do IOC e em seguida assumir a Superintendência deste Instituto. A partir de 1948 foi diretor do Serviço de Saúde do Interior do Estado da Bahia por dois anos consecutivos, para então mudar-se para o Rio de Janeiro para assumir a chefia da Seção de Organização e Controle do Serviço Nacional de Tuberculose (SNT) de 1951 a 1954, voltando a assumir este posto em 1956. No ano de 1954 foi diretor da Divisão de Organização Sanitária (DOS) do Departamento Nacional de Saúde (DNS).

Bichat de Almeida Rodrigues foi também professor da cadeira de Epidemiologia e Profilaxia do Curso de Saúde Pública do DNS, de 1950 a 1956, substituindo o Professor João de Barros Barreto a partir de 1951. De 1950 em diante foi delegado e representante do Brasil em diversas reuniões internacionais, inclusive assumindo o Comitê Executivo da Organização Panamericana de Saúde no período de 1958 a 1961.

A partir do final da década de 50 foi chefe por dois anos da Seção de Administração da recém-criada Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e professor de Administração Sanitária no período de 1961 a 1966. Em 1963 foi diretor geral do DNS, havendo introduzido a vacina Sabin no Programa de Controle da Poliomielite no Brasil.

Assumiu a Superintendência da Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (FSESP) em 1963/64, mudando-se para Washington, EUA, em 1967 para trabalhar na Organização Panamericana de Saúde como assessor regional, chefe do Departamento de Doenças Transmissíveis e chefe interino do Departamento de Erradicação da Malária. Foi ainda assessor do Ministro da Saúde Paulo de Almeida Machado de janeiro a maio de 1975, coordenador regional de saúde da Região Sudeste de 1975 a 1979 e acumulando também a Região Sul a partir de 1977.

Foi ainda membro da Comissão Global de Erradicação da Varíola da Organização Mundial de Saúde (OMS) que declarou erradicada a varíola no mundo, ocorrida em Genebra, em 1979.

Sumário

Fita 1

Seu nascimento em Terezina, Piauí, filiação e a mudança para o Rio de Janeiro logo no primeiro ano de vida; escolas onde estudou no Rio de Janeiro e a influência de certos professores; a opção pela medicina; sua entrada para a Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil em 1931 e as circunstâncias políticas da época; os professores que mais influenciaram na sua carreira; os estágios no Hospital São Francisco de Assis como assistente do Dr. Jorge Gouvêia e no consultório do professor Jorge Gray; o convite para ser médico da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites do Setor Oeste que compreendia Guianas, Venezuela, Perú e Colômbia; a indicação para estagiar com Evandro Chagas no Hospital de Manguinhos antes da partida para a fronteira no norte do Brasil em 1937; considerações sobre seu trabalho na Comissão de Limites de 1937 a 1939; o convite de Evandro Chagas para trabalhar no Serviço de Estudos das Grandes Endemias (SEGE) de Belém; a importância do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) para a área de ciências e saúde pública; perfil de Evandro Chagas; seu trabalho desenvolvido no Instituto de Patologia Experimental do Norte (IPEN); os colegas de trabalho no IPEN; a vida em Belém; a montagem do Serviço de Malária do Nordeste com a participação da Fundação Rockefeller a partir de 1939; a repercussão da morte de Evandro Chagas no IPEN e na vida do entrevistado; seu trabalho como Médico da Delegacia Federal de Saúde na 3ª Região, que reunia Pará e Maranhão, de 1941 a 1942; referência a Valério Konder; relações entre a Delegacia Federal de Saúde e o Departamento Nacional de Saúde (DNS); o Curso de Saúde Pública do DNS feito no Rio de Janeiro, à convite de João de Barros Barreto, em 1942; a indicação de João de Barros Barreto para que o entrevistado assumisse a Direção de Saúde do Paraná; a carreira de médico sanitарista na década de 40; perfil de João de Barros Barreto; referência aos “jovens turcos” da saúde pública brasileira; o concurso para Médico de Saúde Pública do Ministério da Educação e Saúde feito em 1943.

Fita 2

A criação das Delegacias Federais de Saúde em 1937 e dos Serviços Nacionais de Saúde em 1941; relação do Ministro da Educação e Saúde com o Diretor do Departamento Nacional de Saúde (DNS) nesta época; questões em torno da centralização/descentralização dos serviços de saúde pública; o trabalho desenvolvido como Diretor Geral de Saúde do Estado do Paraná de 1943 a 1945; o curso realizado na Universidade de Minnesota, EUA, em 1946/47, obtendo o Master in Public Health; o trabalho no Instituto Oswaldo Cruz da Bahia em 1947; a designação para a Superintendência do Instituto Oswaldo Cruz da Bahia pelo então Secretário de Educação e Saúde Anísio Teixeira; o papel da Sociedade Brasileira de Higiene e sua participação; questões em torno de: tempo integral, dedicação exclusiva, formação de enfermeiras, criação do Ministério da Saúde em 1953, desvincilhado da Educação; o trabalho à frente da Diretoria do Serviço de Saúde do Interior do Estado da Bahia de 1948 a 1950; relação entre os serviços municipais, estaduais e federais de saúde na Bahia; sua participação no VIII Congresso Brasileiro de Higiene realizado em Recife em 1950; sua chefia na Seção de Organização e Controle do Serviço Nacional de Tuberculose de 1951 a 1956; menção a

nomeação de Mário Pinotti como Ministro da Saúde; referência à criação do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu); sua relação com João de Barros Barreto e sua atuação como Professor da cadeira de Epidemiologia e Profilaxia do Curso de Saúde Pública do Departamento Nacional de Saúde (DNS); questões referentes à Divisão de Organização Sanitária (DOS) durante a gestão do entrevistado como diretor em 1954; referência a Arlindo de Assis e Ernani Braga; a posição do Brasil na Organização Panamericana de Saúde na década de 50; opinião a respeito da gestão de Marcolino Candau à frente da Organização Mundial de Saúde (OMS); a criação, implementação e participação do entrevistado na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP).

Fita 2 – Fita 3

Sua indicação para Diretor Geral do Departamento Nacional de Saúde em 1963 e a gestão de Wilson Fadul à frente do Ministério da Saúde nesta época; o processo de introdução da vacina Sabin no Programa de Controle da Poliomielite coordenado pelo entrevistado; o processo de lançamento do Programa de Controle da Varíola com vacina liofilizada nas Américas sob a sua responsabilidade; sua chefia no Programa de Erradicação da Varíola a nível internacional; considerações sobre o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP): o papel desempenhado no campo da saúde pública, relação com os serviços federais, estaduais e municipais, as críticas recebidas, sua gestão como Superintendente em 1963-1964, o ser “sespiano”; questões sobre a municipalização dos serviços de saúde; seu trabalho na Organização Panamericana de Saúde entre 1967 e 1974: a campanha de erradicação da varíola a nível mundial, sua chefia no Departamento de Doenças Transmissíveis no lugar de Alfredo Bica; referência ao seu livro Fundamentos da Administração Sanitária de 1967; sua assessoria ao Ministro da Saúde Paulo de Almeida Machado em 1975; sua gestão como Coordenador Regional de Saúde da Região Sudeste de 1975 a 1979 e acumulando a Região Sul de 1977 a 1979; críticas à situação atual da saúde pública brasileira.

Data: 19/10/1995

Fita 1 – Lado A

SO - Nós estamos aqui no dia 19 de outubro de 1995 para tomar o depoimento de Bichat de Almeida Rodrigues, meu pai. Eu sou Solange e a minha irmã também, a Sônia, estamos aqui então pra conversar um pouco com ele. Vamos falar em primeiro lugar sobre a sua origem familiar. Ele nasceu a 7 de agosto de 1912, em Terezina, Piauí.

BR - Eu sou filho de Antônio José de Almeida Rodrigues, jornalista e Inês Pacheco Rodrigues, também de Terezina, ele do Maranhão, ele era de Pastos Bons no Maranhão. Eu nasci em Terezina e fui criado aí, até fazer 1 ano de idade quando minha família se deslocou para o Rio porque meu pai passou a procurar um novo ambiente no Rio de Janeiro porque as condições de vida em Terezina não eram satisfatórias, inclusive com envolvimento político constantes. De modo que nós viemos para o Rio de Janeiro e desde um ano eu ali vivi aprendendo a falar, a caminhar e a iniciar toda minha atividade humana naquela cidade...

SO - No Rio de Janeiro você estudou no [Colégio] Santo Inácio.

BR - No secundário já, tem o primário primeiro.

SO - Sim, então fale sobre o seu primário aonde foi.

BR - Eu estudei no curso primário no Rio de Janeiro em várias escolas. Primeiramente quando nós mudamos para residir em Todos os Santos e eu passei a frequentar uma escola do Rocha, em frente à estação de Rocha da Estrada de Ferro Central do Brasil e aí eu frequentei por dois anos. Posteriormente fui transferido para o Instituto de Educação do Governo do Estado, onde eram treinadas as professoras que estudavam na Escola Normal ... e aí, davam aulas pra nós alunos e depois avaliavam o trabalho que estava sendo feito por inspetoras que vinham da Escola Normal. Aí eu fiquei na Escola de Aplicação chamada, fui aluno de Dona Matilde (Cerni Bruno?), uma gaúcha que foi minha professora do segundo ao sétimo ano da escola e aí aprendi muito porque o ensino era muito bem dirigido e muito bem orientado pelas professoras, inclusive pela minha mestra D. Matilde que sempre foi muito minha amiga depois, enquanto eu pude ter contato com ela. Daí, depois desta escola, nós fomos estudar já no Colégio Santo Inácio no Rio de Janeiro, aonde estudei do primeiro ao último ano do ginásio com aproveitamento total no colégio Santo Inácio que era de Jesuítas, muito bem orientado, um colégio religioso, mas que não, que dava orientação religiosa, mas que não punia os alunos, nem submetiam a nenhuma disciplina estranha. Nós tínhamos, gostávamos muito do colégio, todos, eles nos davam condições de praticar esporte, voleibol, basquetebol e principalmente futebol, de que eu era um dos jogadores do time sempre que vivi aí no Colégio.

SO - Qual era a matéria que mais interessava a você nessa sua época do Santo Inácio?

BR - Matemática, porque eu tinha um grande professor, o professor Lengruber, que era um mestre em ensino e dedicação, eu gostava muito das aulas dele e então, me lembro bem, que de uma vez no colégio, eu já estava no segundo ano com ele, quando de repente ele fez uma prova e nessa prova eu tirei uma nota sete, quando eu tirava sempre dez com ele. Quando ele deu a minha nota ele mandou que eu fosse de pé, pra junto da mesa dele, “porque aluno que tira sempre dez comigo, nove e dez, quando tira sete tem que vir de castigo, por isso você tá aqui do meu lado agora pra aprender a não tirar mais sete”. E eu passei a tirar sempre notas altas com ele porque o aproveitamento do ensino que ele fazia de matemática era excepcionalmente bom. De modo que foi um grande professor que eu tive no colégio, dos que mais se afeioaram a mim e eu a ele e ele tinha sido aluno do colégio em Nova Friburgo dos jesuítas e lá contava muitas histórias sobre as ocorrências de quando ele foi interno no colégio de Nova Friburgo que era mantido também pelos mesmos jesuítas que mantinham o Colégio Santo Inácio no Rio de Janeiro.

SO - E além da matemática, qual outra matéria assim que te interessava diretamente?

BR - Ainda tínhamos português, português muito bom também porque o..., havia um professor que era professor também da Escola Normal, eu quero me lembrar do nome dele não consigo agora. [bem baixinho]. De modo que ele era um professor de primeiríssima, de alto nível e de primeira classe, de modo que era muito respeitado e eu gostava muito das aulas dele de português e também me interessei muito. Outra, outra matéria que nós fomos muito atraídos por ela foi de geografia porque havia um padre que gostava imensamente das aulas e nos estimulava a estudar e apresentar periodicamente trabalhos feitos na classe. De modo que aí foram as três disciplinas que mais se destacaram. Havia também naturalmente a disciplina religião, que se era um colégio jesuíta isso era obrigatório, [bocejo] nós tivemos então esse relacionamento. Mas as três primeiras como eu referi eu acho que mais me impressionaram e que mais influíram na minha formação no Colégio Santo Inácio.

SO - E nessa época vocês já moravam todos em Botafogo, já há algum tempo, né?

BR - Aí nós já tínhamos mudado. Primeiro quando eu mudei, fui pro Santo Inácio eu morava em São Cristóvão, na rua Piauí e aí então, na rua Piauí em Todos os Santos, em São Cristóvão nós morávamos na rua morava na rua São Januário, número 40.

[Parece que a fita foi interrompida]

SO - Vai.

BR - Daí até o Colégio Santo Inácio eu tomava dois bondes, um até a Praça Tiradentes e o outro do Hotel Avenida até o colégio.

[Interrupção da fita]

SO - Vai!

BR - ...às 5 horas e eu antes de 6 e meia não chegava em casa com essas duas baldeações e a distância longa até chegar no colégio.

SO - E você quando entrou no Santo Inácio, no secundário no caso, você já tinha em mente fazer medicina ou foi uma coisa desenvolvida dentro do Santo Inácio?

BR - Não, não. Foi depois que essa coisa de medicina, porque inclusive meu pai falava de vez em quando em medicina pra eu fazer porque eu tinha o nome de Bichat que era um grande pesquisador francês que morreu com 31 anos e deixou uma boa obra feita de modo que aí isso chegou a influir. Meu pai não era positivista, mas tinha muita amizade com o Teixeira de Freitas, que era um dos chefes positivistas no Rio de Janeiro e com isso ele tinha essa ligação e o mês de Bichat, Bichat era considerado inclusive o mês de dezembro dos positivistas. Mas eu não tive qualquer influência dele pra seguir coisa de positivismo, eu acredito que ele não fosse um praticante do positivismo, ele tinha só aquela formação com esse amigo dele, todo tempo. E com isso eu então já segui depois, resolvi depois adiante, minha mãe talvez tenha influenciado um pouco na minha orientação, “porque que não vai fazer medicina já tendo esse nome?”. E eu segui então e fiz, fui preparado num curso de professores do Colégio Santo Inácio, que era o professor de Física e Química e o professor de, de.

SO - Biologia.

BR - De História Natural, que é onde entrava biologia. De modo que aí eu fui preparado por esse, nesse curso que era dada na casa do Dr. Hasselman, que era o professor de Física e Química do Colégio Santo Inácio e ele dava esse curso na casa dele, de modo que nós éramos, do Colégio nós éramos uns três colegas que freqüentávamos o curso. Felizmente eu fiz o curso, tive muito bons resultados tanto que eu fui aprovado no primeiro vestibular que eu fiz para Praia Vermelha, eu entrei pra Faculdade e entrei no número 46 e eram mais de, mais de 600 na ocasião que entraram no concurso e só podiam entrar 200. Eles até, a nota mínima pra passar era 6, quem não tivesse 6 não tinha habilitação. Até que a influência que houve aí da política no tempo, já éramos no tempo do Getúlio Vargas.

SO - Isso era em que data que você entrou, que você fez o vestibular?

BR - 1930. É, fiz o concurso. Comecei a fazer o curso em 31, não é. De 31, 32, 33, 34, 35 e 36. De modo que nós víamos entrar somente 200 alunos e a influência que houve de gente, especialmente pessoal do Ceará para que fosse dada a possibilidade de entrarem os outros que tinham nota mais baixa, e com isso a minha turma foi uma turma enorme porque havia terminado a revolução de São Paulo, aquela revolução que era contra o Getúlio e ele conseguiu dominar, então foi insistido em que esse grupo penetrasse e com essa condição houve uma desvantagem pra mim por exemplo no curso de saúde, no curso médico porque as turmas eram de 50.

SO - No curso de saúde, não? No curso de medicina.

BR - No curso de medicina, no curso de medicina. E deixaram entrar então mais de 600 alunos. Então eu que era o número 36 na minha turma.

SO - 46.

BR - 36. Nessa turma, o número de 50 eu entrava no quadragésimo sexto. E, entretanto, quando deixaram entrar mais de 200, o aluno que era o número por exemplo 250, ele entrava numa posição boa, no princípio do grupo logo, pra fazer a parte de laboratório e assistir as demonstrações por exemplo de anatomia. Nós tínhamos um professor de anatomia muito bom, de modo que, mas eles ficavam na condição privilegiada de entrar cedo, ele era o número 101, por exemplo, e entrava em primeiro lugar. Eu era o número 36 e entrava no trigésimo sexto. Isso prejudicou um pouco essa situação. Mas felizmente se resolveu isto e eu consegui fazer o meu curso sempre em boas condições na escola.

SO - Como era esse curso de medicina nessa época, havia um relacionamento intenso entre os professores e alunos, como era isso?

BR - É, os professores, alguns deles tinham muito bom interesse, outros faziam aquilo tal como uma obrigação de prestar, dar aquela aula e depois não se interessava muito por acompanhar... .. O professor de anatomia era o professor Fróes da Fonseca que tinha feito concurso, um concurso brilhante e era um professor muito dedicado e tinha assistentes também de primeiríssima classe, esses assistentes nos davam aula com demonstrações claras e aí nessas aulas, por exemplo, é que eu levava a maior dificuldade em ter sido entrado aquele grupo todo de nota baixa e que deram por um caso especial o direito deles entrarem na Faculdade, em vez de serem o número de 200 no curso, nós éramos mais de 600, nós nos formamos 650, no último ano. De modo que tudo isso influía no aproveitamento bom, mas o Fróes era um professor de primeiríssima classe e aí nós tínhamos muita, a maneira porque ele expunha as coisas e se interessava pra que os assistentes dessem aulas boas e constantes pra nós e isso acontecia, o horário era muito bem obedecido e a exposição feita com grande clareza. De modo que na anatomia nós tivemos essa grande vantagem. Na histologia também nós tivemos professores bons que nos ajudaram bastante, mas que não teve assim um destaque especial como nesse caso da anatomia e de outras disciplinas que nós veremos daqui a pouco. Agora passado, depois tivemos na parte de parasitologia, o professor Olímpio da Fonseca que nos ajudou bastante, ele era um grande professor com assistentes de primeiríssima classe, de modo que o Olímpio da Fonseca tinha feito o concurso naquele, a primeira turma foi a minha em que ele foi professor depois de ter feito o concurso e aprovado como catedrático de, de, de parasitologia. De modo que aí nesse grupo ele se destacou, ele foi quem se destacou mais para mim no terceiro ano, quando nós tínhamos essa parte de parasitologia no terceiro ano da Faculdade. Tivemos também, além do Olímpio da Fonseca, nós tivemos outros professores que se apresentaram com muita dedicação e com muito interesse, como no encaminhamento da disciplina que nós tínhamos microbiologia com o Dr. Bruno, que era o professor de parasitologia, de microbiologia da época, que nós tínhamos aquela, que acompanhar com cuidado a parte de laboratório que era muito exigida e tinha que ser acompanhada pelos alunos realmente. E tínhamos também um outro professor, [falando bem baixinho] quero me lembrar o nome dele agora.

SO - E já na parte de hospital, papai, quem que eram nas suas clínicas na parte de hospital?

BR - Mas isso é depois, agora nós estamos olhando no terceiro ano.

SO - Pois é, mas pode passar pra ...

BR - Depois dessa parte toda da faculdade, das cadeiras básicas, nós passamos então a freqüentar o hospital. E eu tive a sorte de no serviço hospitalar trabalhar no Hospital São Francisco de Assis, [forte microfonia seguida de vozes falando baixinho] no serviço de cirurgia, urologia e cirurgia do Dr. ... [outra microfonia] do Dr. Jorge Gouvêia, que era o chefe da quarta e da nona enfermaria, quarta é enfermaria de homem e nona, enfermaria de mulheres. E aí ele tinha uma equipe de assistentes do qual eu fiquei muito amigo, muito ligado a ele, o professor Jorge Gray, que eu acompanhei do segundo ano da faculdade até o sexto ano quando me formei, trabalhando inclusive a partir do quarto ano no consultório dele como assistente imediato, quando ele viajava para fazenda inclusive me deixava o consultório para que eu atendesse os pacientes todos que chegassem e aqueles que estavam em tratamento. Ele passava o mês fora e eu estava sempre à frente do consultório, me deu uma grande experiência, um grande conhecimento. E era um professor magnífico, ele era professor de cirurgia e nós acompanhávamos as exposições dele e as aulas dele no Instituto Anatômico e também nos hospitais em que ele nos levava pra ter aula em casos de cirurgia. Ele fazia urologia e cirurgia geral e eu tive ocasião de ajudá-lo muitas vezes e fiquei trabalhando com ele no consultório até o término do curso quando eu fui trabalhar na Comissão de Limites*. De modo que na faculdade esse professor foi aquele que mais ficou ligado à mim e eu à ele pela ligação de amizade e de eficiência no que eu procurava fazer na clínica dele para que tudo marchasse bem. E nesse meio tempo eu trabalhava também na enfermaria da quarta e da nona do Hospital São Francisco de Assis, serviço do Dr. Jorge Gouvêia e eu então acompanhava o serviço, eu era interno ali desde o segundo ano quando fui admitido no serviço do Dr. Gouvêia pra trabalhar ali e fiquei até o sexto ano quando me diplomei e então segui outro rumo na vida porque não era possível continuar trabalhando só ali. Deixei com muita pena o serviço do Dr. Gray, que nesse meio tempo um parente meu me conseguiu que eu fosse nomeado pra Comissão de Limites, que trabalhava no Itamarati e o Coronel, chefe da Comissão de Limites do setor oeste que compreendia as Guianas, Venezuela, Peru, Colômbia e Peru e Colômbia, né. De modo que aí eu fui pra lá e eu quando eu fui nomeado, antes de ser nomeado [forte barulho de carro], eu já tinha ofício encaminhado para o Evandro Chagas, filho do Carlos Chagas, que era, trabalhava em Manguinhos e era chefe.

*(?)

SO - Então quer dizer que na faculdade ainda você não tinha absolutamente nenhuma idéia de trabalhar em saúde pública?

BR - Não, não.

SO - A sua idéia primeira era ser cirurgião?

BR - Era ser cirurgião urologista porque ali eu tinha, com... mas as dificuldades, nós éramos muitos irmãos, nessa época em que eu estava na faculdade nós já éramos 12 irmãos, com a dificuldade de vida difícil e tal, eu então tive a oferta de ser médico da Comissão de Limites.

SO - Mas você na faculdade, por exemplo, havia espaço para o ensino de higiene e saúde pública dentro da Universidade?

BR - Tinha cadeira de higiene.

SO - Mas você não demonstrou nenhum interesse por ela?

BR - Não, eu não fui nenhum interesse maior porque eu estava ligado a outras coisas.

SO - A cirurgia.

BR - A cirurgia principalmente. De modo que aí na faculdade quando eu fui nomeado pra Comissão de Limites, eu fui indicado para estagiar em Manguinhos, com Evandro Chagas no Hospital de Manguinhos porque ele era um dos chefes do Hospital e então eu fiquei ali trabalhando e acompanhando já dirigindo a coisa para os trabalhos que eu ia ter na fronteira.

SO - Ah, você foi pra Manguinhos então antes de ir pra Comissão de Limites?

BR - Foi, aí primeiro.

SO - E qual era a atividade que você exercia propriamente em Manguinhos?

BR - Em Manguinhos eu estava só estagiando pra ver os vários tipos de enfermidades especialmente existentes naquela região. E daí eu fui então designado, depois de ter um estágio de uns três meses aí, vendo como é que coletava o material para mandar pra exame e tudo mais.

SO - E que época foi essa exatamente?

BR - Isso já era 37. Porque eu formei em dezembro de 36, de modo que em 37 eu fui já passeando em Manguinhos eu fiz um estágio de três meses com o Evandro em Manguinhos, com o Dr. Evandro Chagas em Manguinhos e depois então é que eu fui e ele me convidou pra passar no serviço dele em Belém, onde ele fazia junto com Leônidas Deane, Neri Guimarães, Gervásio Brito Melo, que eram os do serviço dele e eu passei a trabalhar junto e ele gostou muito de mim, tanto que eu passei a trabalhar em equipe com ele e fui pra Comissão de Limites onde eu passei dois anos, sempre mantendo relação com ele e mandando material, coletando coisas do interior pra mandar. Era interessante [interrupção da fita]. De Manaus a Tabatinga.

SO - Aí, pronto.

BR - Todas aquelas cidades em que eu passei quando subi pra fronteira na lancha da Comissão e aí você não tinha médico senão, nas duas pontas. E então os prefeitos das cidades da onde costumava passar a lancha subindo pra fronteira telegrafava para o coronel e pedia se o médico podia parar para examinar e dar uma assistência de alguns poucos dias à população local. Eu fiz isso em toda aquela extensão até chegar em Tabatinga, eu estava acampado numa, numa barraca a umas seis horas de Tabatinga só. Aí eu fiquei morando durante três meses em barraca empoleirado, lá em cima do barranco porque o rio Amazonas enchia nesse local em que eu fiquei acima do nível do rio uns seis metros eu armei minha rede de uma árvore para a outra aí dentro da barraca e fiquei acampado. E assim nesse local eu via quando chegava os índios pra ser atendidos por mim, a Comissão de Limites me dava o que chamava uma ambulância, eram vários caixotes com medicação e eu ficava aí atendendo os índios. Eu quando abria minha barraca de manhã, eles já estavam circulando com os barcos em baixo, no igarapé [riso], esperando que eu abrisse. Eu abria, eles chegavam, eu atendia uma média de oitenta a cem índios por dia, menos no fim de semana que eles não vinham e eu ficava atendendo e tratando deles. E fiquei muito cotado com eles porque naturalmente eles tinham uma doença de pele chamada purupuru, que era uma doença que manchava muito, fazia como umas placas brancas pelo corpo. E eu passei a aplicar (neotobassan?) e pegar também, dava medicação pela boca e conseguia com isso limpar a pele. Então eles me procuravam permanentemente. Eu me lembro que eu salvei um rapaz uma vez, um índio, ele chegou na minha barraca pra ser atendido e eu tinha acabado de sair e ele ficou esperando que eu voltasse, eu fui atender uma tribo de índios em cima levado por oito remadoras, mulheres todas elas, uma, uma, enorme, eu botei a minha cadeira espreguiçadeira na parte posterior e fui levado quatro horas acima elas remando. Eu atendi lá o sujeito da tribo que estava doente, parece que era o *tuchaua* deles, eu atendi e quando voltei, a mesma guarnição me trouxe. Cê imagina, só aí são 8 horas, fora as 4 da vinda delas primeiro e depois mais outras 4 pra subir. E eu atendi então esse, quando eu cheguei tava esse rapaz, um rapaz de uns 16, 17 anos, tinha sido picado por uma cobra na ocasião e já tava com hemorragia gengival e já inchado. Eu então fiz um tratamento com ele, injetei no músculo e em volta da picada, soro anti-ofídico e ele ficou, mandei que ele ficasse e ele ficou dois dias, no terceiro dia ele já foi embora na lancha até pegando o remo pra remar. Se eu não tivesse chegado, ele tinha morrido porque não tinha jeito.

SO - E eu lembro de um caso que você sempre contava de um índio que a criança tava com febre e você colocou a mão e parece que... e eles achavam que você tinha... poderes, como é que era essa história?

BR - Ah, isso foi depois, foi da Comissão já ... eu tava ... eu tinha poder ... porque realmente foi negócio de que eu atendia as pessoas na época, na área e eles vinham em massa, né. Eu tinha que atender, eles ficavam em volta da barraca todo tempo, de vez em quando eu tava examinando um [riso], quando via eles abriam assim pra olhar, eu mandava sair, eles saíam, me atendiam muito bem. E isso foi na casa de um índio, ele caiu de uma árvore e teve uma contusão na coluna e fraturou uma perna. Então eu botei ele numa casa que tinha perto vazia, ele veio com ele, a mulher, um filho de uns quatro anos ou cinco e a sogra que veio também, a mãe da mulher. E eu fiquei atendendo ele, fiz a, enfaixei a perna toda e disse a ele, agora fica aí, o Dr. depois tira isso, eles falavam só ticuna, né, alguns me entendiam bem, eu já entendia um pouco de ticuna, me entendia com eles, era a língua deles dos índios ticuna

daquela região toda. E como uma vez que eu cheguei, quando eu cheguei na barraca num dia, ele tinha tirado tudo. Eu digo, “se você tirar de novo isso, o Dr. não volta mais aqui e você vai se embora pra mata”. Ele então ficou quieto, aí eu enfaixei o braço e eu, e ele, desse lugar que ele estava nessa barraca vazia, passou um raio um dia, por dentro, entrou de um lado da parede e saiu da outra em cima e com esse choque caiu, a mulher caiu na cama dentro de uma parte que era de tábua, a sogra dele que tava sentada na beira da porta com os pés pro lado de fora só com aquele pouco contacto, ela também ficou meio desmaiada e o guri desacordado. Então mandaram me chamar, eu tava até tomando banho no rio, mandaram me chamar lá no rio onde nós estávamos acampados. Eu vim, atendi, então veio comigo meu, meu enfermeiro, era um soldado, eu mandei que ele preparasse todo o material pra dar injeção e tudo no pessoal, no garoto eu fiquei atendendo ele medicando e a (?) tanto ele estava sem pulso quando eu cheguei, depois de medicar, eu comecei a acompanhar botando a mão primeiro pra ver se o pulso voltava. E nisso tava a índia com a outra índia pra perto assim do lado e quando eu botei a mão ela começou a apontar pra minha mão na cabeça do guri, quando ele de repente abriu os olhos. Ah, aí eu passei [riso], que nem disse um dia o meu amigo que era o dono dos seringais da, da área, né, ele dizia pra mim, “Dr., vim perguntar aí, que santo que tá tratando aí?” [risos]. Eu digo, “não, não tem santo nenhum”. Mas eu fazia realmente uma assistência enorme pra eles e todos os lugares que eu passava também, eu ia atendendo o pessoal e sempre e teve um caso também interessante quando eu já estava de volta da fronteira, depois de ter passado aí oito pra nove meses, sem vir a Manaus nem nada. Quando eu tava descendo nós paramos na beira de um rio que tinha uma casa e os sujeitos vinham sempre procurar, quando viam eu chegar a lancha da Comissão eles desciam. Então eu tava sentado de macacão branco como eu sempre ficava, tava sentado assim, no canto, e ele entrou pra falar com o tenente que era o chefe da turma, né e ele então quando perguntou, “Dr. eu queria pedir um favor se o sr. pode ver se o médico daqui podia atender minha mulher”. Ele disse, “o médico tá aí, peça a ele”. Ele pediu desculpas por não ter me cumprimentado antes, porque ele não me deu bola nenhuma, eu tava de macacão e ele... Aí eu disse, “tá bem”, fui lá ver a mulher, mediquei a mulher, ela ficou boa. Nesse local eles estavam distantes de qualquer assistência que pudesse ser dada, não tinha médico, não tinha nada, passava só o navio, o “vaticano” como eles chamavam, o navio grande que tinha médico a bordo, mas ele não parava, se não em certos lugares e num tempo relativamente curto.

SO - E os seus medicamentos pra atender essas pessoas, como chegavam lá?

BR - Ah, chegava mensalmente, a Comissão mandava, mandava no navio porque o navio era mensal, né, ela botava tudo em Manaus pra desembarcar no ponto que nós estávamos. De modo que o navio parava e a nossa lancha ia, encostava e recebia as cargas.

SO - E da onde vinha esse material todo, quer dizer, era mandado do Rio de Janeiro pra lá?

BR - Não, ele comprava em Belém, né.

SO - Em Belém.

BR - Belém e Manaus, eles compravam tudo, tinham tudo, abastecimento e tal. E tinha o médico que ficava também lá, porque quem tava na fronteira era eu, tinha outro que não ia.

SO - E era o Ministério que fazia a distri...?

BR - Dava com a verba do Ministério, né. E também com um pouco da verba da Comissão também. A Comissão tinha jeito de fazer isso. De modo que nós recebíamos nesse tempo bastante medicamentos tratávamos esse pessoal todo e eles atendiam então muito bem.

SO - Você ficou então na Comissão de Limites de 37 a 39.

BR - É.

SO - Em 1939 você foi técnico especializado do Instituto Oswaldo Cruz. Eu gostaria de saber como você conseguiu esse trabalho.

BR - Bom, o Evandro Chagas que eu tinha feito, tinha me apreciado muito quando eu fiz o estágio com o serviço dele, que eu ia pro campo com o Leônidas e com o Néri Guimarães, nós íamos pro meio da mata pra fazer as pesquisas de controle das grandes endemias, era o serviço do Evandro. E eu fiquei trabalhando com ele nisso, então ele gostou muito do meu trabalho, um dia me telefona.

SO - Lá em Belém já.

BR - Lá de Belém para a fronteira, nós tínhamos um rádio que falava sempre, né, ele ligou e disse “Bichat, eu queria te convidar para ser meu assistente, que você viesse trabalhar comigo aqui em Belém porque eu, o... Leoberto brigou comigo e eu quero que você venha pra cá pra ser meu assistente de Manguinhos, eu boto.”

Fita 1- Lado B

SO - ...A trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz.

BR - No Serviço de Estudos das Grandes Endemias.

SO - Certo. E quais eram seus colegas de trabalho nessa época?

BR - Leônidas Deane, Néri Guimarães, Gladston Deane e Maria Von Garten Deane.

SO - Você desenvolveu algum tipo de pesquisa?

BR - Bom, fazíamos a pesquisa naquela área toda, quer dizer, conforme seja as várias doenças que nós estudávamos na área. Malária, febre amarela e outras endemias prevalentes na região.

SO - Qual era a importância do Instituto Oswaldo Cruz naquela época para a área de ciências e saúde pública?

BR - Era muito grande porque o Oswaldo Cruz desde que foi criado pelo ... Oswaldo Cruz eles faziam levantamento e acompanhamento nas várias áreas do país para conhecer a situação existente, de modo que ele estava sempre procurando se atualizar.

SO - Dentro do Instituto Oswaldo Cruz, que pesquisadores você destacaria em termos de importância de suas pesquisas.

SO - Naquela época, né?

BR - Bom, naturalmente existem vários, mas podemos destacar o Aristides Marques da Cunha entre outros para poder, para ajudar no desenvolvimento das pesquisas que o Evandro Chagas tava fazendo.

SO - Ah, ele era assim um colaborador bem próximo.

BR - Ele era chefe de uma divisão e com isso colaborava.

SO - Você lembra qual era a divisão que ele era chefe?

BR - Microbiologia, se eu não me engano ou Parasitologia, parece que era Parasitologia.

SO - Algum cientista do Instituto exerceu particular influência sobre a sua carreira?

BR - Não...

SO - Em 1940 você foi assistente técnico do Instituto de Patologia Experimental do Norte. Como foi sua entrada no IPEN?

BR - Eu não entrei no IPEN, eu era automaticamente designado para essa função porque sendo colaborador do Evandro Chagas e assistente dele em Manguinhos, o Evandro em Belém e eu em Belém juntos estávamos incorporados ao Instituto de Patologia Experimental do Norte.

SO - E a personalidade do Evandro Chagas, como era ele?

BR - Ah, ele era um sujeito excepcionalmente inteligente, dedicado, trabalhador, um homem formidável, um homem que não tinha nada que ver com outros elementos que também existiam na época em Manguinhos e tudo, mas ele era de um destaque num entender nosso, que foi um choque tremendo pra nós todos quando ele morreu estupidamente num desastre de avião no Rio de Janeiro.

SO - E suas pesquisas?

BR - De Evandro?

SO - Sim.

BR - Bom, as pesquisas dele estavam todas vinculadas a esses estudos das grandes endemias, ele estava sempre procurando descobrir e encaminhar a solução de alguma doença que ele fosse descobrindo na área, pra isso foi criado o Instituto por ele, que depois recebeu o nome dele, o Instituto de Patologia Experimental do Norte passou a se chamar Instituto Evandro Chagas quando ele morreu naquele desastre.

SO - E o papel de Evandro Chagas na saúde pública brasileira?

BR - Na saúde pública propriamente ele teve o campo limitado dentro, dentro de pesquisas.

SO - Eu gostaria que agora você falasse um pouco sobre seus colegas de trabalho no IPEN, entre eles Leônidas Deane, Maria Deane, Wladimir Lobato Paraense.

BR - É esses colegas trabalhavam no Instituto como membros do Instituto, eram funcionários do Instituto e se ia para o interior, nosso campo de ação era muito no Abaeté, uma cidade da, da, perto de Manaus, de Belém, mas que tinha um trabalho a ser desenvolvido. Então se acompanhava tudo que estava ocorrendo em relação a essas doenças, a malária e outras pra ver o que que tava ocorrendo e eles participavam ficando no campo, inclusive acompanhando o desenvolvimento dessas doenças pra saber que providência podia ser tomada para melhorar as condições de saúde, entendeu?

SO - E que tipo de trabalho você especificamente pode desenvolver no IPEN?

BR - Eu disse ainda há pouco, nenhum, eu não tinha especificamente nenhum trabalho a desenvolver a não ser a parte de coordenação e de orientação para que os trabalhos funcionassem normalmente, dando apoio a todos os elementos de trabalho pra que o trabalho dele pudesse funcionar bem. Era um administrador, entendeu?

SO - Coordenador?

BR - É, coordenador e administrador das ações.

SO - E sua experiência como professor do Tópico de Epidemiologia e Profilaxia da Malária do curso orientado por Evandro Chagas?

BR - Essa experiência foi muito boa porque inclusive nós tínhamos colegas que em determinadas circunstâncias nós tínhamos que ir ao campo com eles, por exemplo, eu tinha um colega que não conseguia capturar larvas de mosquito, depois eu fui ao campo com ele e via que ele se posicionava errado na hora de fazer a captura da larva, ele ficava sempre com o sol por trás, jogava a sombra dele na água, cada vez que ele se mexia aqui, mexia na água, as larvas pss [som como se estivessem se mexendo]. Você tem que ficar contra o sol porque aí você chega na água e não aparece nada porque a sua sombra tá pra atrás. Esses detalhes assim desse tipo da maneira de coletar o material, de remeter o material, tudo era feito aqui.

SO - Técnica, né, a parte técnica, né?

BR - É.

SO - Você também acompanhou a montagem do Serviço de Endemias Rurais? Me fale dessa experiência.

BR - Não, eu não tive uma participação direta na instalação. Isso ficou mais porque eles criaram o serviço de estudo das endemias rurais, então tinha um grupo especializado em trabalhar nesse campo e eu não participei diretamente com eles não.

SO - Mas você poderia me dizer qual era o principal campo de atuação do Serviço de Endemias Rurais?

BR - Ah, enorme, malária, febre amarela, peste, tudo das endemias prevalentes no país, todo era desse serviço, tanto que depois é a superintendência do serviço de saúde pública, de endemias.

SO - Como era a vida em Belém do Pará?

BR - A vida em Belém do Pará era muito boa, tranqüila com aquele sistema da sesta que eles têm, de meio dia às duas, parava praticamente tudo, de modo que o pessoal tinha aquele passeio sempre, as praias vizinhas de Belém, o pessoal ia muito pra lá, era uma norma que tinha aquele ambiente favorável de poder ir pra praia. E no centro da cidade era muito agradável conviver, o pessoal era muito cooperativo, o pessoal de Belém era muito cooperativo conosco, em qualquer coisa que se precisasse, que eles pudessem ajudar, eles participavam com muito prazer.

SO - E as condições sanitárias, havia infraestrutura na cidade?

BR - Bom, havia numa parte, né, porque na outra na zona rural e zona periférica muito pouco, não tinha nada, tudo ...

SO - E vocês contribuíram de alguma forma pra melhorar isso?

BR - Não, não, não, não, o negócio era não, é individual, você fazia sua fossa, se tinha vinha água e você fazia você mesmo o seu controle na época. A não ser no centro da cidade você tinha um serviço de esgoto e abastecimento de água regulares, é diferente, mas na zona periférica já era muito precária.

SO - Eu gostaria que você falasse agora sobre a montagem do Serviço de Malária do Nordeste. A Fundação Rockefeller passa a colaborar com o governo brasileiro a partir de 1939, como foram os contatos para estabelecer essa colaboração?

BR - Os contatos resumiram principalmente na presença do Dr. Fred [forte ruído de microfonia], Dr. Fred Soper que tinha dirigido já o serviço dos americanos no Brasil em

colaboração com o governo brasileiro. De maneira que ele foi, tanto que ele foi o chefe do serviço que se criou pra colaborar com o Brasil no controle da malária, que tinha invadido e principalmente com o *gambiae*, que veio e invadiu aquela área. O *gambiae* foi até o sul do Ceará, nos rios e tudo, foi quando descobriram, ele tava lá embaixo. E a Rockefeller fez o contato que podia colaborar e, portanto, com o governo brasileiro, foi feito o acordo com o Ministério da Educação e Saúde e o Soper ficou encarregado de ser o elemento que coordenaria da parte do dinheiro americano a aplicação no Nordeste.

SO - Quais foram as atribuições do governo brasileiro e da Rockefeller na campanha da malária?

BR - As obrigações?

SO - As atribuições.

BR - Atribuições ele tinha que dar ao pessoal que trabalhava no campo, tinha alguns que eram financiadas pela Rockefeller, outras pelo governo brasileiro, pra cobrir toda aquela área. Por exemplo, o serviço do Evandro foi importante com um trabalho que ele tinha no Ceará, lá em Ruças, no interior, ele participou muito porque ele acompanhava toda a parte de penetração da malária naquela área. Foi uma colaboração muito importante que ele deu ao programa de luta contra a malária naquele tempo. E com isso foi se acabando com a malária e procurando destruir o mosquito até onde ele existisse naquela área, entendeu?

SO - Você poderia fazer uma avaliação das atividades realizadas pelo Serviço de Malária do Nordeste?

BR - Bom, avaliação assim muito, muito genérica, muito superficial, mas que foi uma, que é uma avaliação positiva, porque com esse trabalho de malária do Nordeste se conseguiu controlar o *gambiae* no Nordeste, que era esse invasor que tinha alta, ele se infectava e transmitia a doença com grande facilidade em todas as áreas em que ele existia. E se conseguiu erradicar esse *gambiae* do Nordeste pelo Serviço de Malária do Nordeste. O *Anopheles gambiae* foi controlado no Nordeste pra poder neutralizar o surto e o desenvolvimento da malária na área que tava ocorrendo já há vários anos, que quando ele invadiu e se descobriu, já era, ele já tava morando lá dentro há muito tempo.

SO - E como você analisa a intervenção da Fundação Rockefeller no Nordeste?

BR - Foi muito boa nesse sentido de colaborar especialmente financeiramente e como assessoria técnica sempre que fosse necessária. Um perito de malária que eles tinham, eles mandavam visitar a região e só apresentar sugestões. De modo que foi magnífica, inclusive tendo na liderança o Dr. Fred Soper, que era um grande amigo nosso e um técnico de alta experiência que foi aceito e tinha uma penetração muito grande no país... .. O Fred Soper taí referido, também né? Tá, ah.

SO - Qual o impacto da morte de Evandro Chagas sobre os trabalhos desenvolvidos pelo IPEN, pelo Serviço de Endemias Rurais e na sua própria vida profissional?

BR - Bom, ele teve um impacto muito grande porque foi um impacto.

SO - Primeiro no IPEN.

BR - Pois é, no IPEN, quer dizer, perdeu o líder criador e líder indiscutível das pesquisas que estavam sendo realizadas. Quer dizer, de modo que a morte dele foi súbita, no auge da vida dele de trabalho e de capacidade. De modo que foi uma, uma perda tremenda, até ser finalmente, progressivamente e sendo recuperada.

SO - Pro Serviço de Endemias Rurais. ... A perda do Evandro.

BR - Não, ele não teve, no Serviço de Endemias Rurais não teve uma influência grande não. Eu acho que no Serviço de Endemias Rurais não.

SO - Não, né?

BR - Não.

SO - E na sua vida profissional.

BR - Na minha? Bom, aí quando eu deixei de trabalhar, fiquei aí. O que resultou na minha ida para a saúde pública, que vocês perguntaram antes e eu não tinha dito ainda, foi quando eu fui trabalhar na Delegacia e que o Evandro, e que o [Barros] Barreto, quando ele me botou na Delegacia pra trabalhar, ele foi à Belém quando eu dei o curso de malária que ele gostou muito, ele disse: “Você tem que fazer o curso o ano que vem”, isso era dezembro.

SO - De que ano?

BR - 1939.... Ele disse você tem que ir pra fazer o curso...

SO - Barreto era o quê, nessa época?

BR - Era o diretor geral do Departamento Nacional de Saúde, era a maior autoridade na saúde pública do país, né. Ele disse, “Você tem que fazer esse curso”. Então isso era dezembro, dia treze ou quinze de dezembro e o navio que tinha, que saía era dia 21 e eu não pude receber nem o dinheiro da passagem, eu tive que comprar com os meus recursos a vinda. E já tava, Maria Amália já estava comigo, né, nesta época, nós viemos no último navio que passou sem comboio de Belém pro Rio.

SO - Você já tinha casado, né?

BR - É, e ela já tava esperando o Sérgio, né. E viemos no navio e ela tinha que botar o colchão no chão porque a vibração na cama, [riso] mexia com a barriga.

SO - Então isso foi em 41.

BR - 41, tem razão, 41, que eu fiz o curso em 42, é.

SO - É, Sérgio nasceu em 42.

BR - De modo que eu vim pro Rio e eu cheguei e tive sorte, porque eu fiz o concurso, com o auxílio de Maria Amália na parte de física e química, né. E depois no Rio com a irmã do Lauro Sodré, com a irmã dele que era engenheira também e professora, a matemática ela me revisou toda. E eu tirei segundo lugar no concurso, né, de modo que com isso ele ficou mais ainda amigo meu, mais me agrade, achando formidável e tal e daí sempre mantive ótimo relacionamento com ele.

SO - Mas antes de fazer o curso de saúde pública, você foi médico da Delegacia Federal de Saúde na terceira região, que reunia Pará e Maranhão, de 41 a 42.

BR - Pois é.

SO - É, foi antes de vir pro Rio.

SO - É, como você foi contratado pra trabalhar nesta Delegacia?

BR - Bom, eu já era do Ministério, de modo que eles me trocaram só de função. Quando eu fui trabalhar lá em Belém, na Delegacia, eu já era do Ministério. Então, 41 eles me mandaram ficar assumindo a Delegacia do Pará e Maranhão pra poder providenciar determinadas coisas. Mas eu não era, não entrei, não fui aproveitado pra uma coisa, eu já era do Ministério, de modo que foi designado para uma função nova.

SO - E quais eram as áreas de maior atuação desta Delegacia Federal?

BR - Bom, em toda parte de assistência à saúde, aí era sim uma assistência à saúde, mulher, criança, adulto e controle de (?) orientação no controle das endemias da região.

SO - Eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre o Valério Konder, o chefe da Delegacia em 41 e sua atuação como delegado desta região.

BR - É, o Konder era um sujeito trabalhador, meio difícil em certas coisas, mas era um homem capaz, ele foi muito bom delegado em Belém, eu achei. Eu trabalhei com ele um pouco, durante um tempo que eu fui mandado pra Delegacia, ele era o delegado, ele era o delegado. De modo que aí que eu lidei com ele e me dei muito bem com ele, comigo ele sempre foi muito bom, muito atencioso, muito cortês, de modo que foi um ótimo..., ele era um sujeito capaz, o, o, o Konder era um elemento bom. De vez em quando ele era aquele vozeirão, ele tinha aquele vozeirão enorme [riso]. E tinha esse outro princípio lá de vez em quando meio esquisito, mas eu achava ele um bom sujeito, sabe.

SO - Quais eram as relações entre a Delegacia Federal de Saúde e o Departamento Nacional de Saúde?

BR - A Delegacia era um departamento, era um órgão do Departamento.

SO - E como eram as relações entre eles?

BR - As delegacias recebiam instruções pra cumprir determinadas coisas do Departamento de Saúde, ele era um órgão do Departamento na região.

SO - Era subordinado, né?

BR - É claro. Porque havia, você tinha sete regiões. A Delegacia do Pará era uma delas, era a sexta, se eu não me engano. De modo que aí, tava tudo, não tinha, o relacionamento era de ligação de um subordinado com um órgão orientador.

SO - Bom, aí em 42 você então faz o Curso de Saúde Pública no Departamento Nacional de Saúde.

BR - Foi. É.

SO - E você então foi indicado pra realizar o concurso de saúde pública pelo Barreto, é isso?

BR - O concurso não, o curso.

SO - O curso.

BR - É, eu fui designado pelo Barreto para fazer o curso. Quando acabou o curso, no final do mês de dezembro, ele me chamou no gabinete dele e disse assim, “Olha, nós vamos almoçar com o Sr. Ribas, o governador do Paraná, e eu indiquei você pra ele e ele quer conhecer você nesse almoço que nós vamos ter amanhã, eu indiquei pra ele pra você ser o diretor de saúde no Paraná, fiz mal?” Eu disse, [rindo] Dr. Barreto, não posso dizer que o sr. fez mal, eu lhe agradeço muito a indicação, vamos ver se ele aceita. E fomos pro almoço no dia seguinte, ele foi com a mulher inclusive, nós conversando e tal e ele gostou da conversa e eu falei uma porção de coisas e ele disse pra mim, “quando tu estiveres lá, tu vais rir várias vezes dessa frase, né?” E o Barreto quando saiu do almoço comigo, “parece que ele gostou de ti, te aceitou, né, da maneira como ele está dizendo, já aceitou”. De modo que aí então combinei e lá fui eu pra Curitiba pra diretor de saúde dessa maneira, foi o Barreto quem indicou, porque o Barreto indicava muito os diretores, ele procurava ter um representante do Ministério, sempre que possível, chefiando o Departamento de Saúde do estado e foi o que aconteceu. Eu fui pra lá como diretor geral indicado, nomeado pelo [Emílio] Ribas, mas indicado pelo [Barros] Barreto. Mas eu me dei muito bem com o velho, eu tinha muito cuidado com a maneira de abordar as coisas com ele e ele sempre me tratou muito bem, sabe.

SO - Mas voltando um pouquinho mais ao seu curso de saúde pública, quando você foi fazer o curso de saúde pública você já estava decidido realmente a seguir a carreira de sanitariano?

BR - Já, aí eu já tava metido na saúde porque eu já tinha sido designado pra várias coisas dentro do Departamento de Saúde. De modo que o curso era o que me dava o *status* de poder pertencer à saúde pública.

SO - E a organização do curso, me fale um pouquinho sobre a organização do curso.

BR - Não, o curso era bem distribuído, sabe. Tem a parte das cadeiras básicas, você fazia estatística e administração, tudo isso que eu já tinha inclusive orientado e dado aula anteriormente, ficou sempre, era sempre destacado no curso com grande importância, né. De modo que aí eu pude acompanhar o curso com relativa facilidade e fui aprovado muito bem, sem nenhuma dificuldade em todo o programa, né.

SO - Algum professor que tenha marcado, deixado uma impressão muito boa?

BR - Bom, eu confesso a você que tive vários que me deram muito boa impressão, mas eu tô me faltando, a cabeça não tá me ajudando agora [riso] pra dar esses nomes agora, sabe. Mas eu tive professores muito bons, Fontenelle, por exemplo, José Paranhos Fontenelle que foi um professor de administração e eu enfim gostei muito da maneira com que ele orientou o curso e me dei muito bem com ele sempre, né, depois. Esse velho era, ele já era um homem de setenta e muitos anos na ocasião e continuava, ele era do Rio, né, da Prefeitura do Rio de Janeiro. Mas foi um bom professor e ele procurava e estimulava o pessoal pra fazer trabalhos e fazer coisas. De modo que valeu a pena o curso e esse professor foi um dos que me marcou muito.

SO - Como era ser sanitarista naquela época, nós estamos falando de 1942?

BR - Bom, você entrava pra carreira e aí você era sanitarista, naquele tempo não havia ainda dedicação exclusiva e você ocupar as posições de administração da saúde nos estados, porque você era da saúde pública. No Barreto ainda é, foi muito isso, ele botava o pessoal com curso e aqueles melhores aprovados no curso para ir pros vários estados. Então você tinha uma rede de gente que falava a mesma língua, né. E ele orientava tudo e selecionando os melhores pras áreas mais importantes. De modo que isso foi muito importante, porque depois que acabou esse negócio, tanto que quando desmoralizou a carreira e a carreira praticamente acabou, eles começaram a botar, nomear delegados (?) políticos no Ministério e era uma desgraça porque eles botavam o sujeito da camarilha dele pra chefiar órgãos que eles não conheciam. Então o sanitarista lá de dentro percebia, muitos caíram fora, muitos saíram realmente porque não tinham condições de produzir bem, porque o outro não entendia nada [tosse]. De modo que isso tudo a carreira criou esse núcleo inicial que ficou depois. Depois se conseguiu dedicação exclusiva, que você só fazia isso porque não era a norma não, o sujeito era médico de saúde pública e tinha consultório e tinha uma porção de coisas, então de vez em quando você queria mandar fazer uma coisa, ele não podia ir porque tava com um cliente mal. Então foi um negócio que teve que modificar tudo, ultimamente não tem mais nada disso, nem tem dedicação exclusiva nem tem nada, porque o sujeito faz o que quer, com esses políticos todos que andaram por aí.

SO - E qual é o tipo de formação específica do sanitarista, quer dizer, como o sanitarista, essa formação específica do sanitarista se diferenciava das outras especialidades no campo da medicina?

BR - É, porque esta você tem que fazer, inclusive você tem uma avaliação social, né. Você tem que conhecer formação da população, quais são os elementos que você tem que defender mais pra não ter problema de doença, quer dizer, então você tá pra a proteção, a medicina preventiva passa a ser, ter uma norma muito mais importante do que na média antiga, porque o sujeito que não faz a prevenção seria fazendo o seu trabalho, agora não era uma dedicação como você faz hoje na medicina preventiva, que rende muito mais do que uma medicina de curativa. De modo que isso que era importante no curso de saúde pública você prepara o sujeito pra estudar estatística, porque tem que estudar, então a constituição da população, quais são as faixas mais perigosas pra isso, pra isso e pra aquilo. Tudo isso é importante você fazer num curso de saúde pública e o sujeito ficar especializado e trabalhando nessa área.

SO - E o grupo de sanitaristas conhecido como “jovens turcos” e sua influência na saúde pública brasileira?... Carlos Sá, J. P. Fontenelle, Carlos Chagas, Manoel Ferreira e outros mais.

BR - É, eu sou da turma antiga, né, essa era a turma antiga, foi a turma que começou com Fontenelle, Barreto então. E o Barreto, por exemplo, era muito odiado por muitos porque o Barreto não queria saber das suas dificuldades, ele dizia que você tinha que fazer uma coisa e você tinha que ir pro campo executar aquilo, se virasse pra fazer, depois ele dava valor ao sujeito que tinha feito, mas podia dizer “não posso”, com ele não tinha não posso, “você vai pra tal lugar agora e estamos conversados”, ele mandava. E ele então brigava com muita gente porque ele queria que você viajasse pros lugares, o sujeito vinha com desculpas e ele não aceitava. De modo que ele era um sujeito de um rigor enorme, e como era muito capaz, foi o melhor que teve em toda época da saúde foi ele, né. Capaz, trabalhador inveterado. Chegava na secretaria, no departamento dele, 8 horas da manhã ele já tava lá e saía 7, 8 da noite, o motorista ficava alucinado com ele, que não dava nem tempo pra comer direito [riso].

SO - Mas esses “jovens turcos”, eles tinham alguma idéia especial, o que é que era?

BR - Não, não, eram chamados “jovens turcos” porque eram os sujeitos que eram dedicados mais, aqui eles falavam muito no assunto, mas não podem.

SO - Mas que assuntos assim?

BR - Assuntos gerais de saúde, o que devia fazer, cuidar disso, cuidar daquilo e aquilo outro, eram gente de toda.

SO - Mas por que tinham esse apelido de “jovens turcos” e não tem nada a ver com aqui no Rio, nenhuma (?)?

BR - Não, “jovens turcos” porque aquele jovem turco por causa do negócio dos turcos brigando, gente nova que era do exército de turco e tal eram jovens, então jovens turcos por

isso, porque com a similaridade do outro era um grupo especial dedicado ao programa que eles iam criando e desenvolvendo.

SO - E se lembra de alguma coisa específica?

BR - Não, nada de específico assim desse grupo não.

SO - Bom, você passou a ser médico sanitaria do Ministério da Educação e Saúde, do quadro permanente por concurso a partir de 1943.

BR - É, porque foi logo depois do meu curso, acabei o curso, em 43 eu já fui. Em 43 eu já fui nomeado, no princípio como interino, né, depois então eu passei a efetivo nos quadros da saúde pública.

SO - Mas como foi esse concurso pra médico sanitaria?

BR - Bom, (microfonia) o curso é que dava a grande qualificação pra você ser aproveitado melhor... (pequena interrupção com vozes ao fundo).

SO - Sim, mas havia muitos candidatos pra esse concurso, como era isso?

BR - Não, o concurso era só de gente que tinha o curso de saúde pública.

SO - É.

BR - Que aí você já tinha uma seleção inicial, você só podia fazer o concurso pra médico de saúde pública do Ministério da Educação e Saúde se você já tivesse o curso.

SO - De saúde pública.

BR - De saúde pública.

SO - Era um pré-requisito.

BR - Era e o curso começa, começava dia 6 de janeiro e terminava 27 de dezembro.

SO - Era um ano inteiro.

BR - É, um ano inteiro, você terminava um período numa sexta-feira, na segunda começava o outro período, o negócio era assim.

SO - Como você via a atuação de Barros Barreto à frente do Departamento Nacional de Saúde.

BR - Uma iniciação fabulosa, um homem de uma capacidade que não teve outro igual, capaz, dedicado, ia a tudo que era serviço, chegava, por exemplo, nas valas de malária quando ele

visitava o Brasil, um colega que era o chefe disse “oh, doutor, daqui por diante o resto é igual”, ele disse “então vamos ver o igual”. E ia até o fim da vala [rindo] que o sujeito podia ter te mostrado a parte bonita e não ter mais por diante já tava meio (matado?). Ele ia a tudo, tudo ele esmiuçava, tudo ele esmiuçava e era de uma capacidade, ele tinha uma cultura enorme, né, e um pé de boi no serviço tremendo, de modo que era impressionante ele no... Ele de vez em quando ele fazia um rompante assim, como ele fez comigo uma vez, ele disse pra mim quando ele queria que eu embarcasse, eu terminei o curso, o Ribas tinha me convidado pra ser o diretor lá, eu disse que não tinha problema e ele disse pra mim, então me chamou no gabinete dele, isso era dois de janeiro, “Você tem que embarcar pro Paraná dia seis”. Eu disse, “mas eu não posso embarcar dia seis, Dr. Barreto, não tem condições de embarcar no dia seis, eu acabei o curso agora, eu não pude fazer, cuidar nada da minha vida, eu tenho um filho pequeno de um ano e como é que eu vou pra lá”, “se você não for pra lá, eu não renovo o seu contrato no departamento”, aí eu disse pra ele, “Dr. Barreto, desculpe, eu não estou pedindo pro senhor renovar o meu contrato no departamento, o senhor sabe que acaba de ser criado o SESP na Amazônia, eu trabalhei na Amazônia seis anos e eu fui pro setor de (?) que são do SESP hoje, de modo que eu vou pra Belém outra vez...”, “você não tá vendo que eu tô brincando com você, quando é que você pode ir?”, eu digo, “eu posso ir no dia doze ou treze, porque aí eu já tive tempo de vir aqui alugar inclusive, passar esse apartamento que eu tenho e eu vou pra lá e aí, fico”, “então tá bom, então você vai?”, “vou”. Aceitou comigo assim, de vez em quando, quando é negócio desse ele, se você eu vou porque não quero, aí não adiantava, mas se você dava um argumento desses, ele fazia ficar com ele aqui em Curitiba. Quando ele chegava, uma vez ele adoeceu, eu tive que dormir no hotel com ele no mesmo quarto, mandar botar uma cama e eu fiquei lá com ele no quarto eles me deixaram, Maria Amália não tava aí [riso] e eu fiquei lá com ele. Mas ele gostava muito de mim, ele sempre foi muito amigo meu.

SO - Eu me lembro sim, mas você pelo que eu vejo, você o considera o expoente da saúde pública, você acha?

BR - É, ele foi o criador de tudo na saúde.

Data: 20/10/1995

Fita 2 – Lado A

SO - ...No dia do depoimento de meu pai, Bichat de Almeida Rodrigues, nós falávamos sobre questões gerais de saúde pública, sobre Barros Barreto e vamos continuar falando sobre o impacto das reformas na saúde pública nessa época. Eu vou perguntar a ele então qual a importância da criação das Delegacias Federais de Saúde em 1937.

BR - As Delegacias Federais de Saúde tiveram uma importância muito grande porque ela era a coordenadora e orientadora das ações federais nos diferentes, nas diferentes áreas em que ela existia. E com isso estava em contato com as autoridades estaduais, com os colegas que serviam não só na delegacia como em outras áreas do estado, de modo que foi de uma importância capital quando a informação que era permanentemente trazida ao diretor geral, Dr. Barros Barreto, de modo que com isso havia uma coordenação muito intensa e muito interessante.

SO - E como surge a ideia em 1941 da criação dos Serviços Nacionais de Saúde, como lepra, tuberculose, febre amarela, peste, malária, doenças mentais?

BR - Foi justamente essa idéia surgiu das idéias do Dr. Barreto de querer desenvolver mais profundamente esses campos que eram de grande importância para o país pelo número de casos de doentes existentes e pela necessidade de apoiar e de orientar bem esse, essa política sanitária da época.

SO - Qual o impacto da criação desses serviços nacionais sobre a saúde pública?

BR - Eu digo, o impacto foi muito importante porque com a criação desses serviços uma porção de especialistas foram surgindo, se dedicando inteiramente a essas várias áreas criadas e com isso o desenvolvimento das ações de assistência do Ministério foram cada vez maiores e muito produtivas.

SO - Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre a relação entre o Ministro da Educação e Saúde e o diretor do Departamento Nacional de Saúde, à época Gustavo Capanema e Barros Barreto, respectivamente. Qual a atribuição de cada um deles no tocante às questões sanitárias?

BR - Bom, o ministro era o chefe porque era ministro de estado e o diretor geral do Departamento Nacional de Saúde era o elemento convidado por ele para dirigir essa importante área de administração de saúde pública do país, de modo que o entendimento era bom. Se o ministro não agradasse de um diretor, que ele fosse pouco capaz ou desinteressado, ele podia substituí-lo com toda facilidade, mas o Barros Barreto foi mantido pelo Capanema sempre porque reconheceu o trabalho que ele executava com interesse, dedicação e eficiência.

SO - Como você se posiciona diante da discussão em torno da centralização ou descentralização dos serviços de saúde pública.

BR - Não entendi.

SO - Como você se posiciona diante da discussão em torno da centralização ou descentralização dos serviços de saúde pública.

BR - Bom, é importante que haja uma centralização geral de diretrizes, mas uma descentralização de atividades e de ações. Era o que acontecia nas várias regiões em que foi o país dividido porque aí se tinha em cada região uma equipe, um grupo que se dedicava àqueles problemas especiais de cada área. De modo que essa descentralização, essa autoridade local que era atribuída a esses diferentes órgãos era muito importante porque havia a maior variedade entre a Amazônia, o Nordeste, o Centro-oeste, o Sudeste e o Sul.

SO - Você foi Diretor Geral de Saúde do estado do Paraná de 1943 a 1945. Por que você decidiu ir trabalhar no Paraná?

BR - Porque eu fui indicado pelo Dr. Barros Barreto, meu diretor, para trabalhar no Paraná com o Sr. Manoel Ribas e me dediquei inteiramente ao trabalho do Paraná, porque achei que era uma oportunidade de eu poder demonstrar alguma experiência e o interesse em criar..., em ajudar a saúde de um estado importante como é o Paraná.

SO - E como você encontrou as condições sanitárias do estado, quando você chegou lá como diretor geral de saúde, quais eram as condições?

BR - Bom, naturalmente havia necessidade de ajustamento em algumas áreas. Na parte da tuberculose, por exemplo, era preciso dar uma nova diretriz às ações que estavam sendo desenvolvidas. Na parte da malária, a mesma coisa, nós tínhamos a malária era muito importante no Paraná, no norte do estado e no próprio litoral. De modo que havia o interesse em desenvolver ações específicas nessas duas áreas principais.

SO - E quais eram os responsáveis dentro do estado do Paraná pela malária, por essas áreas, você lembra?

BR - Havia um diretor para cada uma dessas áreas.

SO - E quem eram?

BR - Nomeadas, nomeadas pelo estado para ser o responsável naquelas diferentes áreas. Naturalmente eu era o coordenador geral das ações porque eu era o diretor geral de saúde do estado e esses diretores específicos da malária, da febre amarela e de outras áreas, assistência à maternidade e criança da, de todas as outras áreas, eram todas tendo diretores específicos para cada um dos ramos.

SO - Quais foram as atividades realizadas durante a sua gestão como diretor?

BR - Bom, eu tive muitas atividades entre elas aquela em que eu estabeleci as divisões e uma regionalização do estado, com cada uma delas tendo um chefe de distrito e esse chefe de distrito eu exigia que ele ficasse dedicação exclusiva, ele não podia ter consultório porque quando nós precisássemos mobilizá-lo para qualquer área, se ele tivesse clínica, vinha sempre aquele argumento “não posso, que tenho um doente passando mal” e muitas vezes não tinha nenhum, mas era preciso que ele fosse dedicado pra se interessar pelo serviço mais do que outra coisa, porque ele só tinha que cuidar do serviço de saúde que lhe era atribuído naquela área.

SO - Como era a relação entre os serviços federais, estaduais e municipais de saúde no estado do Paraná? Havia uma separação clara de atribuições?

BR - Não. Porque o município não tinha muitas condições de executar trabalho, o Estado sim, este tinha e esse assumia naturalmente em cooperação com o governo federal e com os auxílios que pudessem receber do governo federal, fosse financeiro, fosse técnico, havia uma influência grande do federal junto ao estadual desde que não fosse uma, um domínio, uma, um controle absoluto não. Era uma colaboração que se fazia com o estado no desenvolvimento das várias ações, ações essas que eram muito bem recebidas pelas autoridades do estado e pelos colegas que participavam aí. Eu tive ocasião de estar em contato permanente com os colegas, porque eu viajava por todo o estado, tinha contato com eles, procurava colaborar aonde fosse necessário para que as atividades deles, as diretrizes que eles tomavam na área e que executavam, que fossem naturalmente de bom senso e de boa orientação. E isso eu sempre realizei com muito prazer com os colegas que me consideraram muito bem. Eu me dei muito bem nos três anos que passei no Paraná. E quando deixei o Paraná, quando foi substituído por seu Ribas porque mudou a política do país e o Getúlio caiu e com ele o seu Ribas, eu resolvi pedir demissão e voltar para o Rio de Janeiro e fui depois designado pra outras áreas de serviço.

SO - Você realizou o *Master in Public Health* pela Universidade de Minnesota, nos Estados Unidos, em 1946 e 1947. Por que a escolha desse curso especificamente?

BR - É. Bom, esse era o curso de uma universidade que não tinha, eu fui naturalmente um dos primeiros que fiz o curso lá em Mineápolis. Era uma universidade muito bem conceituada e eu não fui pra Universidade John Hopkins e pra outras que recebiam freqüentemente os candidatos do Brasil que chegavam aos Estados Unidos pra fazer o curso de saúde. Eu fui designado pra ir fazer o curso em Mineápolis e fiquei muito feliz de ir pra lá porque tive ocasião de ter professores magníficos.

SO - Você foi designado por quem, como assim designado?

BR - Eu, o Ministério me deu a bolsa pra eu poder receber uma bolsa pra ir pros Estados Unidos e fui designado então pra ir pra Mineápolis e era em dedicação exclusiva. Eu tinha um controle grande dos professores e inclusive do diretor da escola, o Dr. (Gaylod?)

Anderson que ficou muito meu amigo depois e adiante nós teremos oportunidade de falar sobre isso e sobre o meu relacionamento com a escola.

SO - Mas houve alguma indicação dentro do Ministério pra que você fizesse esse curso, alguém o indicou especificamente?

BR - Bom, esse curso era feito, eu não fui o único que fiz um curso fora, vários colegas fizeram um curso, cada um com a área conforme a hora que fosse designado pra acompanhar um curso na universidade americana. De modo que havia sempre, quando ela havia dado a bolsa e então podiam indicar e indicavam pra onde é que você devia ir e eu fui.

SO - Mas quem indicou você, você.

BR - Pra que?

SO - Você se candidatou ou ...

SO - Quem indicou você pra ter essa bolsa?

BR - O Dr. Barros Barreto.

SO - Ah..., foi o Barros Barreto, né.

BR - É, indicou que eu fosse fazer esse curso e me deu de presente essa bolsa.

SO - Ah. E como era o currículo do curso?

BR - O currículo? Era muito bem feito e em etapas bem definidas em quatro períodos, nós fazíamos o curso em quatro períodos, com as disciplinas distribuídas nesses quatro períodos. De modo que aí você tinha oportunidade de conviver com professores experientes, de orientação muito boa. E eu frequentei então o curso durante o ano inteiro e me dei muito bem com os resultados, tanto que eu fui no fim do curso eu recebi dado pelo Dr., quer dizer, sugerido pelo Dr. Gaylod Anderson, que eu recebesse da Universidade de Minnesota uma, um prêmio que foi dado pela primeira vez a um aluno da escola ou americano ou estrangeiro, o *allthwithstanding award in public health* que eu recebi no fim do curso, porque eles acharam que a minha missão tinha sido muito bem cumprida e eu estava, tinha feito o curso em muito boas condições. Era interessante neste curso, por exemplo, quando eu comecei o primeiro período, eram quatro disciplinas e eu quando fui conversar com o Dr. Gaylod Anderson, que além de diretor era o meu *adviser*, era o responsável pela minha orientação na escola, ele me apresentou as quatro matérias que eu devia cumprir nesse primeiro período. Terminado o curso eu tive boa graduação em todas as matérias e fui então conversar com ele, porque ele me chamou pra fazermos a programação do segundo período, eram quatro períodos que eu tinha que fazer. E quando eu disse “quais são os (?)”, “não, agora nós vamos discutir as disciplinas que você vai fazer, porque você já demonstrou nesse período que pode estar qualificado pra discutir comigo quais as matérias que mais lhe interessam”. E várias vezes eu disse pra ele uma disciplina qualquer e dizia “Doutor, higiene industrial eu não vou fazer

o período aqui porque é muito diferente a higiene industrial dos Estados Unidos e as condições de higiene ainda no Brasil”. E ele aceitava perfeitamente, de modo que o curso era muito discutido antes e depois ele acompanhava as aulas e nós tínhamos que fazer exposições e defender programas. Isto depois eu adotei no meu, aqui na Escola de Saúde Pública quando eu fui professor, eu adotei o mesmo sistema de lá, os alunos tinham que apresentar trabalhos, tinham que discutir assuntos, e você então desenvolvia neles o interesse e a responsabilidade de ter um tema qualquer que ele devia estudar e apresentar.

SO - E quais as perspectivas profissionais no Brasil após a realização deste curso?

BR - Bom, aí as, as perspectivas é que você vinha bem qualificado pra poder desenvolver melhor as suas atribuições porque você tinha aberto outros horizontes na sua frente com os cursos e suas realizações que eram feitas nos outros países. A maioria das pessoas do Brasil ia para os Estados Unidos, Mineápolis eu fui o primeiro que fui pra lá, quer dizer, que consegui fazer o curso, porque antes eu tinha tido um colega e uma enfermeira, professora aqui, e que não conseguiram se diplomar. De modo que eles não davam condições, diziam sempre os professores lá de Minnesota, “o sr. tem que ter as notas satisfatórias no curso porque o sr. vai ter o diploma que vai lhe dar oportunidade inclusive de trabalhar nos Estados Unidos, de modo que o sr. não vai voltar para o seu país com um diploma que não seja igual àquele retirado pelos americanos que estão fazendo o curso com o sr.”. De modo que era uma turma de trinta a quarenta, eu tava no meio, a minha turma tinha isso e eu era o único brasileiro que estava no curso. Então eu tinha que ter, a enfermeira chefe então era uma onça [riso] a cobrar coisas, e a gente tinha que acompanhar aquilo e executar se não ela não dava as notas e você ficava preso numa disciplina e se ficasse preso em mais de uma, duas tinha que deixar o curso.

SO - E você por algum momento teve a idéia de permanecer nos Estados Unidos a essa época?

BR - Não, permanecer eu nunca tive permanecer, depois eu tive a ocasião de trabalhar lá muito tempo depois, cheguei a passar nove anos nos Estados Unidos trabalhando na Organização Mundial de Saúde, de modo que aí sim, aí, mas eu gostei muito de lá, me dei muito bem, mas eu não queria ficar morando nos Estados Unidos em vez de morar no Brasil.

SO - Você foi trabalhar na Bahia no Instituto Oswaldo Cruz da Bahia, primeiro como técnico dos trabalhos de reorganização do Instituto e depois como seu superintendente, isso em 1947. Conte porque você decidiu ir trabalhar nesse Instituto na Bahia. Vai!

BR - Eu fui trabalhar na Bahia porque eu tinha um colega de turma que era muito meu amigo, filho do governador Mangabeira e eu tendo chegado dos Estados Unidos, eles acharam que era oportuno que eu pudesse dar uma colaboração à parte de saúde pública do estado. De modo que eu fui trabalhar, o governador Mangabeira me nomeou e eu fui trabalhar chefiado pelo então Secretário de Educação e Saúde que era o...

SO - Anísio Teixeira.

BR - ... O nosso conhecido e reconhecido como uma grande personalidade Anísio Teixeira.

SO - Como foram os trabalhos de reorganização do Instituto da Bahia?

BR - Reorganização propriamente não, a estrutura do Instituto ficou a mesma, só que as atividades eram exercidas então com mais rigor, com mais cuidado do que estavam acontecendo antes. E eu recebia o apoio do secretário pra poder fazer as indicações e as sugestões necessárias e isso facilitou muito o trabalho a ser desenvolvido, que eu fiquei muito satisfeito com tudo que tinha conseguido realizar.

SO - Você depois foi indicado superintendente, como foi essa indicação, quem o indicou?

BR - Superintendente de que?

SO - Do Instituto Oswaldo Cruz da Bahia.

BR - Pois é, porque aí eu já estava, eu fui porque era o governo que me indicava, o secretário de educação e saúde que me designou considerando que eu podia exercer, porque uma vez que eu já tinha sido aceito pelo governador para ir pra Bahia, ele me dava então as condições de autoridade, por isso eu fui designado pra superintendência disso.

SO - Quais foram as realizações durante a sua gestão como superintendente?

BR - Foi justamente procurar desenvolver as áreas de saúde no interior, designando técnicos capazes, possibilitando recursos para que eles desenvolvessem as diferentes, nas diferentes regiões o trabalho a ser executado. De modo que essa foi a colaboração maior que eu pude dar, recebendo o apoio inclusive dos prefeitos que sentiam que aí estava chegando a saúde aos municípios nessas regiões mais distantes, em vez de ficar restritos praticamente a capital e aos arredores da capital. De modo que essa foi meu interesse e eu cobri o estado inteiro e eu visitava todas as áreas permanentes, periodicamente e permanentemente, de modo que com isso eu podia sentir se estava sendo bem orientado e bem desenvolvido o trabalho que nós tínhamos programado com os outros elementos da saúde. Eu tinha uma equipe muito boa de colegas que trabalhava comigo na sede da diretoria e com isso dava condições de executar o trabalho deles, eles me ajudavam muito porque iam freqüentemente desenvolver atividades eles também no campo, entre eles tinha o Dr. Aloisio...

SO - Sanches, Aloisio Sanches, né?

BR - Hum? O Dr. Aloisio Sanches, o Dr. Evandro Baltazar da Silveira. De modo que tinha vários colegas que estavam assim ligados comigo e dedicados cada um a uma determinada área e cuidando dos trabalhos respectivos. O Dr. Evandro Baltazar ficou chefe de uma região no Sul e eu tinha colegas atuando em outras áreas como o Dr. ..., o outro, Dr. Aloisio era o meu assistente direto na diretoria, mas eu tinha os colegas então para cada uma das diferentes regiões.

SO - Agora nós vamos conversar um pouco sobre a redemocratização e as, e saúde pública. Eu gostaria que você começasse falando sobre o ressurgimento da Sociedade Brasileira de Higiene em 1942.

(Pequena interrupção na fita).

BR - A Sociedade Brasileira de Higiene sempre teve o apoio de todos os médicos da saúde pública, alguns com maiores, maior ou menor participação na diretoria e na administração da Sociedade, mas ele foi muito útil sempre nos programas de saúde, procurando dar apoio às várias áreas porque os colegas que chegam, tinham a diretoria e participavam dos corpos diretores da Sociedade Brasileira de Higiene eram todos também trabalhadores de saúde pública do país. De modo que ela tinha um relacionamento e as reuniões periódicas que havia mensalmente no Rio de Janeiro, onde era a diretoria da Sociedade Brasileira de Higiene, era para acompanhar, sentir os problemas e ver que colaboração podia ser dada.

SO - Você participava das atividades da Sociedade Brasileira de Higiene?

BR - Bom, eu participei algumas vezes, mas eu não era um elemento que fosse radicado na Sociedade todo tempo, participava sempre que havia uma solicitação ou quando o assunto qualquer a ser debatido tinha interesse direto comigo.

SO - Eu gostaria que você falasse um pouco sobre os assuntos mais polêmicos que mobilizavam os sanitaristas da época, como a questão do tempo integral, dedicação exclusiva, formação de enfermeiras e etc., vamos começar pela questão do tempo integral.

BR - O tempo integral era uma coisa que era sempre defendida por todos nós que eram a dedicação exclusiva e o tempo integral, porque os colegas que se dedicavam integralmente à saúde pública achavam que era preciso ter uma remuneração condizente quando se dedicar apenas a isso e com interesse permanente nos assuntos da saúde pública. De modo que essa era a participação que procuravam dar aos colegas e também às enfermeiras que já trabalhavam na saúde nesse tempo.

SO - Como era a formação das enfermeiras?

BR - Bom, as enfermeiras tinham todas o curso de Ana Néri ou de escolas igualmente reconhecidas e depois elas faziam o curso de saúde pública também. Eu fui professor de muitas enfermeiras no curso de saúde pública e havia um grupo grande de enfermeiras sempre participando.

SO - Existiam várias propostas em torno da criação do Ministério da Saúde separado do Ministério da Educação em 1953. Alguns médicos defendiam a incorporação da assistência médica da previdência social urbana à estrutura do futuro Ministério da Saúde, outros defendiam um Ministério com atuação basicamente na área rural. Fale sobre elas e comente sua posição pessoal.

BR - É, eu não, não havia assim uma, uma indicação, uma participação ativa para fazer, atender várias dessas, dessas propostas, um querer fazer mais para a área rural e outro para incorporar outras atividades de saúde que fugiriam a um programa específico do Ministério da Saúde. De modo que isso não foi adiante e se criou o Ministério da Saúde como devia ser, o órgão diretor, o órgão que orientaria e coordenaria as ações de saúde tanto de medicina preventiva quanto de medicina ...

SO - Curativa.

BR - Hein?

SO - Curativa.

BR - Curativa. De modo que aí foi dessa maneira que o Ministério foi finalmente criado e naturalmente depois sofreu várias evoluções sucessivas de reforma durante a sua existência.

SO - E a sua posição? Você acha que foi criado de acordo então como devia ser?

BR - Foi criado como a maioria devia ser, como a maioria...

SO - Você apoiou, achou que devia ser assim?

BR - Essa, essa decisão de não fazer absorver outros órgãos que tinham lá seu vínculo com outras dependências do governo, nem fazer essencialmente rural. Dar um órgão de administração geral, atenderia a classe rural, mas não deixaria desprezada a parte urbana, que é muito importante.

SO - Miguel Couto Filho foi o primeiro ministro do Ministério da Saúde em 1953, fale um pouco sobre ele.

BR - Foi. Ele foi um homem interessante, foi muito útil, ele ouvia muito as partes, eu tive o prazer de trabalhar com ele quando ele assumiu o Ministério. De modo que acho que foi uma boa escolha e ele tinha a vantagem de trazer o nome do pai como uma cobertura das ações que ele tomava, ele era um clínico e aí ele provavelmente ele tomou umas diretrizes muito úteis, muito favoráveis na saúde.

SO - Que cargo você ocupava na época que Miguel Couto Filho foi ministro?

BR - Eu nem me lembro [riso].

SO - 54, né?

SO - 53.

SO - 53, tinham chegado da Bahia fazia pouco. Você tava morando aonde? Você fazia o que?

BR - Confesso a você que eu não me lembro.

SO - Você chegou da Bahia pra onde, pra tuberculose?

BR - Não foi na tuberculose ainda nessa época não.

SO - Você foi diretor do serviço de saúde do interior do estado da Bahia de 1948 a 1950. Conte-nos sobre as condições sanitárias do estado.

BR - Bom, o serviço de saúde do interior tinha uma responsabilidade ampla porque o estado como a Bahia, grande como é a Bahia e com áreas muito afastadas do centro, você tinha que procurar estabelecer unidades de saúde nas diferentes regiões e nós procuramos estender ao máximo que foi possível esse, essas unidades de atendimento à população, porque sem isso não haveria possibilidade deles receberem jamais qualquer assistência de saúde tanto na medicina preventiva quanto na medicina curativa.

SO - Mas quais foram especificamente as atividades realizadas durante sua gestão como diretor.

BR - Bom, justamente desenvolver esses aspectos de procurar criar unidades e colocar colegas responsáveis por essas unidades que eram criadas nas diferentes regiões do estado. Naquelas que já tinham as unidades criadas, procurar dar ênfase às ações, desenvolver o aperfeiçoamento dos trabalhos que eram desenvolvidos e aí, mas também ampliar para áreas que eram praticamente desassistidas antes dessa época.

SO - Como era a relação entre os serviços federais, estaduais e municipais de saúde no estado da Bahia?

BR - Serviços municipais eram muito poucos e muito precários. Relação do estado com os federais era muito boa, porque sempre que havia uma possibilidade de auxiliar, os médicos federais estavam sempre colaborando com os médicos do estado. Em relação ao município era muito pequena a cooperação, porque não havia praticamente serviços municipais de saúde na época.

SO - Então você não de, não, não havia uma separação clara de atribuições, por que se o municí... se o municipal era tão ruim?

BR - Mas havia o estadual que funcionava, né. De modo que funcionava bem e aí a cooperação do federal era sempre, geralmente as atuações federais eram em serviços específicos, combate à lepra, à peste, à tuberculose, etc. De modo que eles colaboravam dentro dessa, desse limite de atuação respectiva de cada órgão. Mas colaboravam sempre com os órgãos estaduais, com os municipais, relativamente pouco no meu entender.

SO - Como era a sua relação como diretor do serviço de saúde e o poder público local? Houve casos de desentendimento?

BR - Que eu me lembre nunca tive problema nenhum de desentendimento com as autoridades locais. O prefeito de uma região nordeste, por exemplo, insistiu que ele queria ter auto, o distrito de saúde dele inteiramente autônomo, eu digo “mas isso foge a orientação que é dada no estado de que o estado deve participar da atuação municipal também”, “depois eu vou fazer, depois eu vou me entender com o governador”. E resolveu ir falar com o governador, quando eu disse que não cabia, ele disse “não, eu tou de acordo com o Dr. Bichat, o sr. pode fazer o seu, mas o nosso vai ser feito”. Encerrou-se o assunto porque não tinha cabimento ele fazer independente e não querer saber de orientação do estado na parte de saúde dentro do município dele.

SO - Quem era o governador?

BR - Mangabeira, na época.

SO - Como foi sua participação no VIII Congresso Brasileiro de Higiene realizado em Recife em 1950?

BR - A participação é que eu comande a delegação baiana que foi participar nesse congresso de higiene. De modo que foi uma reunião muito boa, muito interessante e os colegas ficaram satisfeitos também de ter participado dessa reunião.

SO - Mas algum tema importante foi levantado?

BR - Não, não me lembro, não me recordo assim, sem estar consultando meu material pra ver o que. Mas não teve nada de especial, foi um congresso bom, como eles geralmente são, com muita coisa útil a ser apresentada aos participantes. De modo que aí eu acho que foi útil, eu fui inclusive o chefe da delegação baiana pra lá.

SO - Mas então você não lembra assim nenhuma decisão importante que tenha mudado o rumo da saúde pública? [barulho de motor de carro no fundo]

BR - Não, mudado o rumo não deve ter.

SO - Você foi chefe da seção de organização e controle do Serviço Nacional de Tuberculose de 51 a 56. Ao voltar da Bahia, quais foram os fatores que o levaram a dirigir a seção de organização e controle do Serviço Nacional de Tuberculose?

BR - É, porque como técnico que eu era do Ministério da Saúde, um sanitarista de carreira, naturalmente eu fui convidado pra trabalhar no Serviço Nacional de Tuberculose e aí foi me dada essa atribuição de chefiar essa seção de organização e controle do Serviço pra dar uma estrutura e organização compatíveis com aquilo que era pensado pelo diretor e pelos diferentes participantes mais graduados do Serviço Nacional de Tuberculose.

Fita 2 – Lado B

SO - ... enta e cinquenta a descoberta e uso de quimioterapia antibiótica específica levou a alterações tanto no perfil epidemiológico da doença quanto na ação institucional. Quais foram as repercussões dessas alterações nas políticas do Serviço Nacional de Tuberculose? Houve maior ênfase no tratamento ambulatorial?

BR - Houve naturalmente uma modificação no interesse, na busca de casos e naturalmente no seu tratamento e cura, para poder ter uma base definitiva de que resultados concretos se obtinha com essa nova orientação adotada. E foi feito com muito cuidado, com muito interesse, se desenvolvendo então ações mais amplas de descoberta de casos, de tratamento e de recuperação de doentes.

SO - Especificamente em relação a sua gestão na seção de organização e controle, quais as principais realizações e políticas desenvolvidas?

BR - Não houve nenhuma modificação de política desenvolvida, apenas se dava ênfase a acompanhar com mais cuidado aquilo que já fora determinado antes e que devia receber ênfase especial. Mas modificação nenhuma houve porque aquilo que tava sendo, tinha sido elaborado e programado era satisfatório no ponto de vista dos técnicos que estavam responsáveis pelo programa.

SO - Fale sobre as atividades da Campanha Nacional da Tuberculose, sua relação com os serviços estaduais e municipais e com organizações privadas.

BR - Bom, em relação aos órgãos, aos serviços estaduais com as entidades que atuavam nas respectivas áreas, houve naturalmente uma importância grande dada por esses serviços estaduais aos órgãos que funcionavam na sua jurisdição para o acompanhamento realmente dos casos existentes, não era esquecido o doente como acontecia anteriormente nos serviços mal organizados. Então o seguimento desses casos, o acompanhamento e a melhoria dos resultados obtidos com o tratamento, tudo isso era registrado. Daí o controle da tuberculose para nós termos uma base segura de que aquilo que estava sendo aplicado era realmente aplicado com critério e com cuidados de obter resultados favoráveis.

SO - E as organizações privadas?

BR - As organizações privadas entravam em contato sempre buscando principalmente auxílio pras suas atividades, o que era muito importante e elas então se aproximavam dos órgãos de orientação dos serviços nacionais e estaduais para receber apoio e às vezes até recursos financeiros e auxílio.

SO - Os períodos de substituição do diretor do SNT eram freqüentes?

BR - Não, não muito, só quando ele se ausentava numa viagem maior é que ficava respondendo pela diretoria aquele que era designado o seu substituto eventual, mas isso não era tão freqüente assim porque os diretores não se afastavam normalmente da sua sede de jurisdição.

SO - Não, mas eu digo politicamente, eles eram, sofriam até eles estavam diretamente influenciados pela política, eram trocas, substituições frequentes?

BR - Não, pela política não, porque dentro do Ministério a política não influía diretamente em substituir A ou B, o diretor é que substituía, pode ser que ele as vezes fosse influenciado pela política, mas não havia uma substituição assim direta de pessoas por influência política.

SO - E havia rodízio nesta função com os chefes de seção de epidemiologia e administração?

BR - Rodízio é função da, de organização e controle?

SO - Do diretor, quer dizer, do diretor, como diretor do Serviço Nacional de Tuberculose. Havia um rodízio nessa função entre os chefes de seção de epidemiologia e administração?

BR - Não, rodízio não, aí não. Era um chefe de cada um, era definido na sua área de influência, de capacidade. De modo que ficava, não havia rodízio nenhum. Ele era designado chefe daquilo e ficava, até ser substituído, mas não ia pra outro, pra depois voltar de novo com rodízio não.

SO - Como foi seu retorno à seção de organização e controle em 1956? O diretor era o Dr. Lourival Ribeiro?

BR - ...Era. E!... eu conhecia de muito tempo Lourival Ribeiro, nós tínhamos trabalhado na tuberculose muitos anos.

SO - E como foi esse seu retorno à seção de organização e controle? Estamos falando de 56.

BR - Não teve nada de especial, apenas reassumi a função. Reassumi uma função que eu já tinha exercido antes. De modo que fui procurar seguir o desenvolvimento e a eficiência dos trabalhos desenvolvidos.

SO - Quais as principais atividades da seção que você destacaria?

BR - De organização e controle?

SO - Da organização e controle.

BR - Ué, então ver se os órgãos estaduais têm os serviços organizados de acordo com as normas elaboradas pelo serviço de tuberculose, tanto na organização como no controle da doença, pra ter uma uniformidade de dados com informações precisas sobre os vários aspectos que eram recomendados nessa organização e controle.

SO - Gostaria que você falasse sobre a nomeação de Mário Pinotti como ministro da saúde e sua gestão à frente do Ministério da Saúde de 56 a 58.

BR - Eu não diria nada disso aí, não tenho nada de especial. ...

SO - Fale, tá gravando. [bem baixinho].

BR - Eu acho que não tem nada que fazer nenhuma referência especial a isso porque me acordo, não recordo, não me recordo de nenhuma coisa de valor, de destaque que mereça ser comentado por mim.

SO - Fale sobre o surgimento da idéia de criação do DNERu. Você apoiava a reunião dos serviços nacionais em um departamento de endemias rurais?

BR - Sim, a maioria de nós apoiava porque era uma maneira de haver uma ordenação de política, de orientação e de execução dos trabalhos dessas doenças.

SO - Você foi professor da cadeira de epidemiologia e profilaxia do curso de saúde pública do Departamento Nacional de Saúde de 50 a 56. Fale de Barros Barreto e de sua relação com ele.

BR - Eu fui aluno de Barros Barreto e sempre segui orientação dele que ele sempre me deu na parte de epidemiologia e saúde pública. De modo que foi muito útil esse contato permanente que eu mantive com ele, quando eu tinha dúvidas em algum aspecto era a ele que eu recorria pra me situar perfeitamente bem dentro da diretriz que ele sempre havia traçado na minha vida. De modo que eu acho que foi de grande utilidade esse conhecimento de Barros Barreto e a, o recurso, e uti..., e a utilidade que eu tive de ter esse contato permanente em toda minha vida profissional.

SO - Fale sobre a estruturação do curso e seu conteúdo.

SO - O senhor o substituiu na escola por um período, né?

BR - Eu substituí ele, porque na escola tudo que tinha sido orientado por ele e dirigido dentro da programação, eu não modifiquei nada porque não tinha nem condições de modificar, da maneira que eu o admirava e apoiei sempre e acompanhei nas suas diretrizes. De modo que eu acho que o curso ficou perfeitamente bem estruturado com as diretrizes que ele deixou.

SO - Mas qual era? Eu queria que você me falasse dessa estruturação do curso.

BR - Bom, a estruturação do curso era dirigida para as atividades principais que o Ministério deveria executar nas diferentes áreas. De modo que se procurava preparar os alunos para poderem assumir responsabilidades nas diferentes áreas de serviço.

SO - E a importância do curso de saúde pública para a formação de uma geração de sanitaristas brasileiros e o tipo de formação que era enfatizada nesse curso? Qual era a importância?

BR - A importância é que sempre houve e eu fui um dos que frequentei esse curso no princípio logo da minha vida, porque se criava uma unidade de pensamento, de orientação e de execução de atividades. De modo que esse curso dado num departamento nacional de saúde durante vários anos, foi de grande ênfase e de grande resultado, eu acredito, para o bom êxito e o bom encaminhamento das ações de saúde na área.

SO - Você foi diretor da Divisão de Organização Sanitária do Ministério da Saúde em 1954. Fale um pouco sobre as atribuições da divisão.

BR - Oh ... da divisão?

SO - Da divisão de organização sanitária do Ministério.

BR - É, esse era um órgão específico dentro da DOS, Divisão de Organização Sanitária, que era pra auxiliar os estados na organização e na orientação das ações de saúde nas suas diferentes, nos seus diferentes estados e atribuições. Foi de grande utilidade, era muito procurada essa, essa direção, procuravam o serviço pra receber orientação e instruções pra maneira de dirigir os serviços nos estados. Foi de grande utilidade essa divisão, que foi durante muitos anos chefiada pelo Dr. Amilcar Barca Pelon, um dos antigos homens de saúde pública que o Brasil teve de grande eficiência.

SO - Fale sobre as realizações durante a sua gestão. Você lembra?

BR - Não.

SO - E a distribuição de recursos financeiros dentro do Ministério da Saúde e os recursos destinados a DOS.

BR - Bom, é, o planejamento era feito distribuindo os recursos possivelmente existentes para os vários órgãos e a divisão de organização sanitária, pelo auxílio que ela era capaz de prestar e prestou aos estados, era importante receber essa contribuição dos órgãos financeiros do Ministério pra poder colaborar e ajudar os estados no seu desenvolvimento.

SO - Eu sei, mas e os recursos eram bastante e bastantes suficientes ou não?

BR - Não, mais ou menos medidos.

SO - E a sua equipe, a equipe técnica da divisão Aloísio Sanches de Almeida, Nelson de Araújo Moraes, Orlando José Silva, Nilo Brito Bastos, entre outros?

BR - É, essa equipe com destaque a Nelson Moraes, era o líder pra mim de todos eles, pela sua capacidade, eficiência e conhecimento. Mas a equipe, esse grupo referido era muito conhecido e muito aceito nos vários órgãos.

SO - O diretor geral do Departamento Nacional de Saúde durante este período era Arlindo de Assis, depois Ernani Braga. Fale sobre sua relação com eles.

BR - Muito boa, com o Dr. Arlindo de Assis eu tive o meu primeiro contato quando eu trabalhei na Bahia, ele era o diretor do Instituto lá na Bahia, de modo que foi sempre muito atencioso comigo. Quando ele veio para o Rio, mantivemos sempre muito boas relações e sempre que eu precisava de qualquer auxílio na área específica dele, eu solicitava e era muito bem recebido. Dr. Ernani Braga era um colega mais próximo de mim, ele era apenas dois anos na minha frente no curso de saúde, de modo que foi também um elemento ...

SO - Era amigo particular de casa.

BR - Hein?

SO - Era amigo particular.

BR - É, era amigo particular, nos encontrávamos sempre e trabalhamos junto inclusive quando ele foi superintendente da Fundação SESP e eu tive ocasião de colaborar com ele.

SO - A partir da década de 50, você foi delegado representante do Brasil em várias reuniões internacionais promovidas pela Organização Panamericana de Saúde. Eu gostaria que você fizesse uma avaliação da situação sanitária brasileira, se possível comparando-a a situação de outros países da América.

BR - Bom, a atuação do Brasil no âmbito da saúde era de certa maneira favorável e bem aceita pela Organização Panamericana da Saúde porque o contacto íntimo entre a diretoria da OMS e as autoridades brasileiras era muito bom. De modo que o acompanhamento que a OPAS fazia dos trabalhos do Brasil eram bastante, bastante seguros e ela acompanhava com, com grande satisfação o que vinha se realizando entre nós. Nós tivemos vários elementos que trabalharam na Organização, o Dr. Alfredo Bica, por exemplo, foi por 20 anos chefe da seção de epidemiologia da Organização Panamericana da Saúde. Aliás eu tive o prazer de substituí-lo quando ele deixou a Organização nesse, nesse cargo.

SO - Mas voltando à década de 50, você poderia fazer uma comparação do Brasil em relação à situação dos outros países da América?

BR - A situação do Brasil era de certo modo favorável em relação a um grande número de países da América, naturalmente havia uns bastante, bastante em condições iguais a do Brasil, como o Chile, Argentina, México e o próprio Peru, mas naturalmente, análise [ronco de motor] detalhada da situação existente, é mais difícil de rememorar assim, depois de tantos anos afastados desses órgãos.

SO - E uma avaliação da gestão de Marcolino Candau à frente da OMS?

BR - Bom, o Candau teve uma administração, várias administrações que ele foi reeleito quatro vezes, num mandato de cinco anos por quatro vezes, foi um diretor emérito, ele trabalhava enormemente todos os tempos e produzia muito. Ele estava viajando sempre pelo mundo aos vários países. Ele trabalhava tanto que nas reuniões internacionais realizadas em

Genebra, das quais eu participei de várias, ele depois do jantar ele pedia licença e dizia: “me desculpem, mas eu vou me recolher cedo porque amanhã a partir das sete horas eu já tinha, já tenho entrevistas marcadas com várias autoridades internacionais no meu gabinete”. E assim era e ele trabalhava seguido, você encontrava o Candau no departamento dele, no gabinete dele, praticamente durante todo o tempo que nós passávamos em Washington, ele era sempre muito atencioso com os delegados brasileiros, comigo e com todos os demais, quando nós desejávamos falar com ele, tínhamos todas as facilidades de acesso ao gabinete dele, só quando ele estava em reunião que ele não podia nos receber, mas fora disso, a qualquer momento nós éramos recebidos. Ele era muito cordial, muito amigo e sempre foi assim durante todas as suas várias administrações à frente da OMS e ele deixou um marco definitivo da sua passagem nesse órgão internacional.

SO - Quais eram as questões em pauta nas discussões a respeito da organização da estrutura sanitária nos países da América, nessa época, nessas reuniões internacionais?

BR - Nessas reuniões internacionais não se entrava em detalhes na estrutura da organização dos vários serviços, porque as reuniões eram marcadas e seguidas dentro de um programa de realizações que estavam sendo feitas nesses países. Então era preciso receber as informações, discuti-las e sugerir modificações eventualmente necessárias.

SO - Você foi chefe do Núcleo de Administração Sanitária da Escola Nacional de Saúde em 1959 e chefe da seção de administração da Escola Nacional de Saúde Pública de 60 a 61. Gostaria que você falasse sobre as propostas de criação de uma escola nacional de saúde pública.

BR - Bom, uma Escola Nacional de Saúde Pública praticamente já quase existia, porque os cursos que eram dados tinham esse aspecto de âmbito nacional. Era, recebiam-se os participantes de quase todos os estados do país. De modo que era já um nível nacional de atuação, de formação de profissionais para a área de saúde. De modo que a Escola Nacional de Saúde Pública, ela foi criada depois e não era como uma escola nacional, era uma escola de saúde pública do país e assim já se tinha a participação de vários colegas que ali eram professores e de vários elementos de, bem qualificados para dar sua colaboração direta na Escola que era sediada no Rio de Janeiro.

SO - E quais foram os modelos de escola de saúde que inspiraram a criação da Escola Nacional de Saúde Pública?

BR - Bom, as escolas americanas, nas quais os brasileiros participaram muito como alunos, serviam um pouco de modelo na estrutura, pelo conhecimento que se tinha do que era executado naquelas escolas, se procurava implantar no Brasil até onde isso fosse possível. De modo que aí acho que foi uma, uma experiência bastante boa, essa dos técnicos brasileiros que se graduaram nos Estados Unidos, na elaboração desse programa de saúde.

SO - Como foi o processo de constituição da Escola Nacional de Saúde Pública?

BR - Ela foi proposta ao Governo e aceita tranqüilamente, de acordo com as normas que tinham sido elaboradas, sem modificações maiores. De modo que aí foi então adotado esse que durou por vários anos nesse mesmo sistema em que fora elaborado.

SO - E como foi sua entrada na Escola Nacional de Saúde Pública?

BR - Bom, eu inicialmente entrei como assistente e fui assistente de Barros Barreto durante vários anos e depois quando ele deixou o Ministério, ele se aposentou, eu aí assumi a cadeira de administração e epidemiologia também uma parte. E de modo que aí eu fui indicado para substituto dele, uma vez que eu tinha sido o assistente por vários anos, eu fui elevado ao posto justamente com essas características.

SO - Conte-nos como foi sua gestão à frente da seção de administração.

BR - De qual seção?

SO - De administração da Escola. Estamos falando da Escola Nacional de Saúde Pública.

SO - Deve ser da cadeira, né papai?

BR - Era mais sobre a cadeira de administração que se tratava. De modo que nós então procurávamos dar normas a essa cadeira de administração dentro do que fosse possível aplicar nas condições brasileiras e formar os elementos que pudessem ser úteis no desenvolvimento das ações sanitárias do país.

SO - Você se lembraria pra falar um pouco sobre os cursos administrados pela escola, seus objetivos, o público alvo, a organização e o corpo docente?

BR - Bom, o público alvo era sempre os estados, as organizações estaduais e a própria organização federal. Ali na escola se discutiam os vários assuntos entre os vários professores que participavam da escola e que eram muitos. Então se usava isso como um meio de discutir os problemas existentes e encontrar soluções que fossem sugeridas aos órgãos responsáveis pela sua execução. Essa foi a norma adotada durante muito tempo na escola, ela sempre procurava debater os assuntos e os alunos eram na escola sempre solicitados, cada um tinha que apresentar uma aula anual durante o curso com o tema que eles escolhiam e nós tínhamos sempre um debatedor daquilo que ele apresentava na aula, para ser discutido depois pela turma inteira. De modo que essas discussões eram muito favoráveis e muito úteis, eu me lembro que eu escolhia sistematicamente os temas que deviam ser apresentados pelos alunos, muitas vezes eles próprios gostavam de escolher e eram apresentados depois de um mês ou dois de aula, eles tinham que fazer a apresentação, que era debatida não só por um comentarista escolhido para aquilo entre os colegas e depois aberto o debate para toda turma. Isso era de muito bom resultado e fizemos isso no curso de médicos, de enfermeiras, de engenheiras. De modo que isso foi de grande utilidade, no princípio eles estranhavam muito, [?] “mas eu nunca falei em público”, “então tem que começar uma primeira vez e vai fazer aqui na escola em que você está num ambiente seu”. De modo que isso depois passou a ser norma comum e havia até coisas interessantes. Eu me lembro que com a Dra., que pra mim

ela sempre foi meio desviada mentalmente, um dia ela foi fazer um trabalho dessa aula sobre o serviço de saúde de Goiás e eu perguntei pra ela “a senhora já conhece Goiás?”, “não”, “a senhora já fez algum trabalho sobre Goiás?”, “não”, “a senhora é de onde?”, “eu sou de Niterói”, “e como é que a senhora vai fazer um trabalho sobre Goiás, se é de Niterói e nunca lhe dou com ele?”, “ah, porque eu escolhi, não posso escolher?”, eu digo “pode, mas a senhora tem que saber que a senhora tem que fazer é contar o que a senhora sabe sobre Goiás e o que acha que pode fazer”. E ela acabou não fazendo trabalho nenhum, porque ela era inteiramente desmiolada, né [riso].

SO - E o, e o ...

BR - E o corpo docente?

SO - É, os outros professores? Quem eram? Lembra de algum, os outros professores da sua época?

BR - Bom, o Lincoln de Freitas Filho era um deles, né, o [Amílcar] Barca Pelon também dava um certo tipo de aula e depois os professores de..., por exemplo de..., de bacteriologia e de parasitologia, eram professores escolhidos dentro de Manguinhos..., dentro de Manguinhos para poder apresentar então como resultado de seus trabalhos realizados, aquilo que eles procuravam transmitir aos alunos.

Data: 23/10/1995

Fita 2 – Lado B (continuação)

SO - Permanecemos aqui na cidade de Curitiba, entrevistando meu pai Bichat de Almeida Rodrigues, esse é o nosso terceiro dia e hoje é 23 de outubro de 1995. E eu pergunto agora a ele, lembrando que ele foi diretor geral do Departamento Nacional de Saúde do Ministério da Saúde em 1963. E eu gostaria que ele falasse sobre a gestão de Wilson Fadul à frente do Ministério e sua indicação para diretor geral do DNS.

BR - Eu trabalhei com o Wilson Fadul quando ele foi ministro, tivemos muito bom relacionamento, ele é um homem receptível a sugestões, debate com franqueza, de modo que o meu contato com o Wilson Fadul se estendeu durante todo tempo em que ele foi ministro até quando ele saiu. De modo que eu acho que ele foi um elemento de primeira ordem, sabe. E depois, quando ele foi utilizado em outros cargos, ele sempre demonstrou interesse e capacidade pelas ações de saúde.

SO - E como foi sua indicação para diretor geral do DNS?

BR - Se não me engano foi no tempo do Wilson Fadul.

SO - Foi, exatamente, o ministro era o Fadul.

BR - De modo que ele então resolveu me escolher porque conhecia o meu trabalho, acompanhou durante algum tempo o que se realizava no Ministério e resolveu me dar essa honra de ser nomeado diretor geral do Departamento Nacional de Saúde.

SO - Conte-nos agora um pouco como foi o processo de introdução da vacina Sabin no Programa de Controle da Poliomielite.

BR - Bom, esse foi um..., a entrada da vacina Sabin me faz uma honra muito grande porque eu fui quem introduzi a vacina como tarefa pra ser coberto todo o Brasil, havia muitos casos em certas áreas com maior importância, como no Nordeste, o Ceará, o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, então nós fizemos um programa em que nós íamos dar a primeira dose de vacina em todo país primeiramente, antes de começar a revacinação. Nós queríamos ter um mínimo de cobertura em todo país. E fizemos então o trabalho começando pelo Rio de Janeiro e fizemos a primeira dose. Antes tínhamos feito uma área piloto, havíamos vacinado primeiro a Escola Nacional de Saúde Pública e os dependentes das pessoas que eram da Escola para tomar conhecimento da vacina e apresentá-la àqueles que iam executar o trabalho. Segundo escolhemos Petrópolis como uma área de demonstração de campo da cobertura pela vacina. Em seguida vacinamos o Rio de Janeiro. Daí do Rio de Janeiro nós saímos pra outras áreas como, por exemplo, o Ceará, em que havia casos frequentes lá, então essas áreas de casos mais frequentes tinham prioridade na seleção [tosse]. No caso,

interessante que nas áreas que nós trabalhávamos com a vacina, eu acompanhava sistematicamente o desenvolvimento dos trabalhos nas áreas do país. Me lembro bem que no Ceará duas coisas ocorreram de interessante mostrando o nível cultural e educacional das populações que nós vacinávamos em massa, uma mulher chegou no dia seguinte da vacinação e disse “essa vacina é uma porcaria, eu vacinei meu filho ontem aqui e hoje ele está com paralisia infantil”, eu disse “a senhora está equivocada, essa vacina não provoca isso, ela cura evitando que não ocorra as doenças, a criança já devia estar numa fase avançada da infecção e coincidiu que ela tomou a vacina antes que da vacina poder produzir qualquer coisa”. De modo que aí e a outra na mesma cidade de Fortaleza, uma outra mulher chegou, nós mandamos vacinar inclusive mesmo aquelas crianças que tinham tido pólio recente, não importava, não vamos selecionar pra não vacinar porque já teve pólio e vacinou-se então uma criança que havia tido pólio e a criança daí a dois dias ou três já tava andando normalmente e diz a mãe, “viu como é milagrosa, eu dei à minha filha e ela já está andando” [riso]. Eu digo “não foi milagre nenhum da vacina, isso ocorre muito quando se faz um controle de uma doença que às vezes na fase de recuperação de um dado momento a criança passa a ter resultados mais favoráveis que outros”. De modo que a gente via como se aceita ou se rejeita um programa porque a pessoa tem interpretação própria daquilo que ocorre. Então teve até um fato que eu relaciono sempre, no auge da vacina quando eu vacinei o Ceará e ia fazer São Paulo também e o então governador do Rio de Janeiro, Sr. Carlos Lacerda queria à força que eu desse a segunda dose no Rio, eu disse ao secretário de saúde dele que me procurou, digo “não vou poder fazer isso”.

SO - Quem era o secretário, você lembra?

BR - Não me lembro o nome dele, não, ainda me lembro ainda. De modo que eu digo, “eu não posso fazer isso porque nós temos que fazer primeiro uma cobertura do país com a primeira dose que vai proteger enormemente, a segunda é uma dose de reforço que vai garantir que não vai acontecer, o Rio está todo vacinado, de modo que não há porque eu parar com outros programas e venha fazer aqui.” Quando eu fui vacinar por exemplo São Paulo eu fui, o secretário de saúde me levou até um programa da Bibi Ferreira pra [?] agradecer que eu tinha trazido a vacina para São Paulo apesar das críticas que eu tivesse recebido isso, mas a vacina já estava em São Paulo e estava com a minha presença lá, ele agradecia a minha presença, aí eu ganhei uma salva de palmas e tal e bom. A outra, o outro lugar em que eu também acompanhei pra desenvolver a vacina pra aplicar, pra começar a vacinação, me disse o governador Fernando Pinto de São Paulo, de Minas Gerais, quando eu cheguei, ele disse, “ah, doutor, pensei que o senhor não ia trazer a vacina para Minas Gerais”, eu digo, “tô trazendo, doutor, porque eu tenho um roteiro a ser cumprido, já vacinei o Rio, vacinei São Paulo e agora estamos aqui e o senhor está vendo a que preço eu estou trazendo a vacina para Minas Gerais? O seu colega do Rio de Janeiro, o que que me fez? Me chamou, a mim o que que ele disse: ‘E esse comunista por que não quer trazer a vacina pra Belo Horizonte..., pro Rio de Janeiro, a segunda dose.’ E ele disse: ‘ah, depois o senhor desconta isso nos lucros’. Eu digo “não, isso é o custo político, governador, eu não gosto de política, não tenho nenhum interesse em ser político, de modo que não tenho... Isso fica só mostrando o critério desse cavaleiro que não sabe bem o que ele quer.”

Fita 3 – Lado A

BR e SO - Para o Ceará.

SO - Sim.

BR - E depois seguimos para os outros estados sempre acompanhando o início da programação. A vacina Sabin foi lindamente recebida porque não era vacina injetável, era vacina, uma gota, era a vacinação feita com uma gota fincada (?) [chiado] fincada na boca da criança, de modo que os meninos aceitavam com certa facilidade e nós tínhamos então uma cobertura bastante satisfatória. E o resultado foi que a pólio hoje está inteiramente sob controle, não se tem mais casos de pólio ocorridos normalmente, né. De modo que isso foi muito importante, pra mim foi a campanha que marcou a minha administração, porque as outras já eram campanhas normais. Eu tinha trabalhado na Organização, quando trabalhei lá, também na erradicação da varíola.

SO - ...É... está aqui... [Fala muito baixa].

BR - É adiante, né. De modo que aí a questão da vacina foi muito útil e os resultados altamente favoráveis. E o [Wilson] Fadul ficou muito satisfeito porque foi no tempo que ele era ministro, que eu introduzi a vacina Sabin no Brasil.

SO - E como era, porque hoje em dia com essa mídia toda que nós temos é muito fácil você conseguir convocar as pessoas aos centros de vacinação. E naquele tempo, como era isso?

BR - Era pela, pelo rádio, não havia televisão com essa divulgação que tem, mas pelo rádio se anunciava e como a doença aterrorizava muito pela paralisia que determinava, as famílias quando tinham notícia de que ia ser feita a campanha de vacinação, eles chegavam em massa para serem vacinados. Era uma coisa muito interessante observar como era receptível a população a um programa que eles acreditassem e que fosse poupá-los de riscos e de conseqüências sérias como era o caso da pólio, enquanto não se tinha nada pra se proteger contra ela. Eu tinha tido contato com o Dr. Sabin nos Estados Unidos e quando se tratou de usar a vacina no Brasil, eu perguntei a ele: “Dr. Sabin”, eu, ele tinha chegado da Europa e eu fui falar com ele, ele disse, “a vacina, Dr., nós podemos usar essa vacina da Iugoslávia, que estão me oferecendo também na compra agora?” Então diz ele: “pode usar com toda tranqüilidade Bichat, eu tô acabando de chegar da Iugoslávia, fiz todos os testes, todas as provas, a vacina superou todos, de modo que você fique tranqüilo e use a vacina”. E eu então naquele tempo não tinha que fazer concorrência, porque não havia uma produção assim universal da vacina, tinha uma vacina do Canadá, tinha uma vacina da Inglaterra e ia entrar essa da Iugoslávia. Então eu perguntei, e o preço da vacina da Inglaterra era de Cr\$ 37 a dose, a gota.

SO - Da Inglaterra ou da França?

BR - Da Inglaterra. A outra era do Canadá que era de Cr\$ 36 a dose. E eu então quando perguntei à Iugoslávia, veio a resposta pra mim, Cr\$ 17 a dose. Eu, então, tranquilamente adotei a vacina da Iugoslávia e interessante a reação favorável. Um dia me aparece no meu gabinete um representante que chegou lá da Iugoslávia, “Dr., o senhor tá vacinando, tá satisfeito?”. Eu digo “Tô, tô muito satisfeito com a vacina”. “E doutor, eu não tenho que dar nada a ninguém”, eu digo “Se alguém lhe pediu, o Sr. me informe que eu estou interessado em saber”, “Não, não, não, ninguém me pediu não”. Conversou mais um pouco e tal, na hora da saída já na porta, ele me disse “Dr. não se ofenda, eu não tenho que dar nada nem ao senhor?”. Eu digo “Não senhor, essa vacina, o senhor querendo me dar me dê mais vacina”, “Não, não, pelo preço do governo tá muito bom” [riso], mas é a norma que eles tinham de dar gratificação sempre e os sujeitos pediam, muitas vezes era o próprio chefe do programa quem insinuava gratificações. De modo que ele me ofereceu dessa maneira, eu já com mão na maçaneta da porta para ele sair, que ele me disse isso - “Eu não tenho que dar nada nem ao senhor, doutor?”. Imagine que eu tinha, a vacina da Iugoslávia eu comprei por 17, as outras eram 37 e 36, bastava que se eu fosse ladrão como muitos que havia lá no Ministério e houve sempre, você dizia “bom vamos fazer uma coisa, o senhor faz isso aí por 27 oficialmente, então nós ficamos com 10 pra dividir”. Mas eu não levei um tostão da vacina e fiquei muito satisfeito com isso, fiquei muito honrado de não ter recebido nada. De modo que a vacina foi aplicada amplamente. Nós em todos os estados mandávamos certinho as embalagens já nas caixas com as vacinas, eram recebidas por colegas nossos do programa que acompanhava a vacinação. De modo que o resultado foi excelente e temos a prova no Brasil que a pólio está praticamente desaparecida, não temos mais casos de poliomielite ocorrendo no país.

SO - Agora eu gostaria que você contasse um pouco como foi o processo de lançamento do programa de controle da varíola com vacina liofilizada no Brasil, o pessoal envolvido, os recursos, o apoio internacional e etc.

BR - É, a vacina liofilizada foi um grande progresso na vacinação contra a varíola, porque você tinha quantidades suficientes, ela aguentava a temperatura ambiente em certas áreas, quando você não expunha ao sol. Eu me lembro que uma vez eu cheguei em Santiago, quando eu tava num trabalho de visitas da Panamericana. Eu fui a Santiago e quando vi as enfermeiras estavam vacinando uma escola e eu fui ver como estavam vacinando e, de repente, eu chamei a enfermeira responsável e disse: “Minha filha, você tá com a vacina exposta ao sol, não use mais essa vacina que ela não serve pra nada, você não pode botar essa vacina no sol, ela tem que estar sempre protegida do sol”, se você, tudo isso as pessoas as vezes não travam conhecimento bastante, se não tinha uma supervisão permanente como precisava ter, não acontecia. Mas na vacina da... da... varíola eu acompanhei de perto a erradicação, porque eu era o responsável pela erradicação nas Américas, eu tinha que ir do Canadá à Patagônia e fui assim em todas as áreas. E algumas vezes você era surpreso com, da Organização com toda exigência que se tinha e o critério do pessoal em geral, mas, às vezes informações que não chegavam, me disse isso um colega da Argentina quando eu estava visitando pra ver o programa de vacinação contra a varíola e eu disse “Eu vou ao norte da Argentina, quero ver o programa no campo”, “*Ustedes se vá ao terreno, doutor?*”, digo “Claro que me vou ao terreno, eu quero verificar las campanhas no campo para ver o que passa”, ele disse “*aqui freqüentemente vem personas de Washington, chegam aqui comem*

um bon churrasco, discutem tudo aqui e regressam, ao campo non é comum isso que o senhor está fazendo”, eu digo “bom, mas é assim que deve ser feito”. E você sentia quando as pessoas no programa também, aí já no programa da pólio, eu fui à Colômbia e quando cheguei à Colômbia eu disse, eu fui recebido pelo diretor do programa de campo, de doenças e tal e ele disse, eu disse “Doutor, amanhã eu vou, quero ver se viajo pro norte da Colômbia pra ver como está a vacinação contra a varíola naquela área”, disse “*Doutor, nos informes acepto informo todos*”, eu digo “*Doutor, o papel acepta todos, eu quiero mirar lo terreno pra ver se o que tá dito nel papel, se executa localmente*”, “*Você se vai tan ao norte doutor?*”, “hum”, “*pois não, um momentito*”. Pegou o telefone e ligou pro norte da Colômbia e disse que fossem me receber, eu disse a ele qual era o vôo que eu ia, “Porque o Doutor vai visitar aí e quero que dêem todas as facilidades possíveis”. Você veja o que é o negócio de você ir ao campo, a confiança que dá, não só aos responsáveis nacionais dos países, como quando você chega, os responsáveis locais e você vê o programa porque eles percebem que você e muitas vezes aconteceu comigo no campo, quando eu chegava, eu tenho uma experiência da vacinação, todo o trabalho executado, quando eu discutia com os responsáveis, eles diziam “*Ah, doutor, isso aqui se hace assim*”, eu digo “*não, não se hace assim, não há que haceder assim, vamos mudar pra fazer como se deve ser feito*”, e eles então aceitavam porque viam que eu demonstrava pra fazer no campo como era, com aparelho de vacinação e tudo. De modo que tudo isso me deu uma autonomia e é engraçado como, às vezes, as pessoas que estão executando o trabalho. Num dia me disse em Minas Gerais um grupo, eu tava num grupo de colegas e tinha um rapaz que era um dos auxiliares do grupo que estava presente, quando eu argumentei, ele não sabia que eu era brasileiro, quando ele disse num dado momento pra mim, eu digo “Mas assim não devia ser feito, né?”, ele diz “o senhor tá dizendo isso porque o senhor não conhece o país, doutor” [riso]. Eu olhei pra ele, ri e disse “quando você não tinha nem nascido, eu já andava por esse país inteiro trabalhando em saúde”, ele aí disse “o senhor é brasileiro?”, eu digo “sou”, “me desculpe”, eu digo: “pois é, você não pode chegar e dizer coisas assim sem saber com quem está falando, eu conheço os programas nacionais de trabalhar no campo como eu trabalhei muito tempo”.

Eu fui fazer levantamento de malária em Rondônia e em outras áreas, de modo que sempre nos programas de vacinação eu tava acompanhando em detalhe o que estava ocorrendo. De modo que me dei muito bem com isso, fiquei muito satisfeito com a minha experiência no campo, o conhecimento que eu pude receber de ouvir de colegas locais os problemas, as dificuldades, os sucessos que eles tinham tido e também de viver os programas de outras áreas. De modo que isso tudo é muito importante para quem tem que conduzir programas de vacinação e de outras coisas. E acompanhei o programa de vacinação até que tive o prazer, o chefe do programa de erradicação da varíola da OMS em Genebra, um americano, ele ajudava diretamente muito o programa de um país, a Ásia e tava interessado em ser o país que tinha chegado primeiro a erradicação.

E eu era brasileiro e tava responsável pelo programa das Américas e interessado, o Brasil era o grande exportador de varíola durante uma certa época, tinha varíola em toda parte, nas feiras do interior, você encontrava casos, o sujeito com varíola e trabalhando na feira. De modo que isso aí se conseguiu parar porque conseguiu fazer vacinação, a vacina liofilizada que tem outra conservação, ela resiste bem, é eficiente, coisa que aquela vacinazinha que chegava naqueles tubinhos não tinha, não dava nenhuma resistência e com isso nós conseguimos um grande resultado nos programas em todos os países.

E tive um caso interessante que eu cheguei no Equador, um dia numa área no interior e de repente eu vi no boletim de notificação que tinha um caso de varíola numa área do Equador. Então eu peguei e fui até lá e procurei o doutor que tinha notificado o caso de varíola, eu disse “Doutor, o senhor disse que aconteceu aqui um caso de varíola quando no Equador já há vários anos não tem nenhum caso de varíola porque conseguiu vacinar e erradicar a doença, por que o senhor disse isso?”, “ah, porque eu achei que valia a pena, não sabia o que era, então disse varíola como uma forma de resolver”, eu digo “Não, o senhor não pode fazer isso contra o seu país, o senhor tá dizendo que tem varíola no país quando há vários anos não tem e um caso como o seu, o senhor já viu varíola, o sr. sabe como é que se diagnostica?”. Ele ficou [riso], “bom, então não faça mais, doutor, o senhor vai pedir pra desmanchar essa notificação que o senhor fez que é falsa, ela não é verdadeira”.

SO - Mas o que você ia contar sobre o responsável pelo departamento de varíola da OMS em relação à Ásia?

BR - Ah, bom, ele tava interessado em fazer o país dele, esse país que ele acompanhava de perto pra ser, ter o primeiro sucesso de erradicação. E eu então intensifiquei as ações no Brasil e a vacinação cobriu todo e nós tivemos a erradicação dada primeiro aqui, e ele ficou muito zangado, ele nunca [riso], ele não me suportava porque eu barrei o negócio dele, era a Indonésia, parece, que ele tava querendo fazer primeiro. E nós conseguimos com... erradicar primeiro aqui com o trabalho que tinha sido feito no Brasil e depois praticamente os países da América estavam livres de varíola, porque não tinha senão casos excepcionais em algumas áreas. Argentina foi um país que também acabou antes do Brasil e por aí em diante, sabe. De modo que foram, eu acompanhei essa vivência com os países, com as autoridades dos países quando você vai ao campo e eu disse, contava a pouco o caso desse da Venezuela, da Colômbia que quando eu disse que ia ao campo, ele telefonou pro sujeito que fosse me receber e me desse todas as facilidades no campo pra eu acompanhar o trabalho que tava sendo realizado, porque às vezes o trabalho era desenvolvido, em muitos países e mesmo entre nós, o indivíduo chegava, me disse um colega na Colômbia, quando eu fui a área dele, ele disse “Doutor, ué tá o programa, o senhor tá acompanhando o programa?”. Ele disse “não senhor doutor, não acompanho nada porque começaram a vacinar aqui, eu sou o diretor regional, nem me procuraram pra dizer que iam fazer vacinação contra a varíola nem ninguém me disse nada, de modo que eu me afastei”, eu digo “não, doutor, pode deixar que agora vão lhe informar”. Mas, quer dizer, acontecia isso freqüentemente nos países, eles não davam a informação, porque são, tavam com as armas na mão pra executar um programa e não davam ciência às autoridades locais que são fundamentais pro êxito do programa. De modo que isso aconteceu e mais de uma vez, esse da Colômbia me lembro bem que ele tava profundamente irritado, eu disse “pode deixar, doutor, que vai ser notificado pro senhor tudo o que acontecer agora”. Então eles dão apoio, senão eles não davam o apoio [?] se omite, não é possível permitir que seja feito isso, há que ter a..., o acompanhamento dos chefes responsáveis pelos programas da maneira que eles devem comunicar às autoridades locais quando chegam pra iniciar um programa, não pode chegar numa área porque ele tem autoridade de vacinar e não dar satisfação a ninguém. Isso aconteceu muitas vezes e inclusive entre nós, o sujeito chega na área, começava a trabalhar e não dizia nada, ninguém tá sabendo quem você tá vacinando, aonde e quando pretende acabar. Isso é que nós temos que ter cuidado nos programas de vacinação, nos programas de controle de doenças para saber

exatamente quem está executando e como está sendo executado o programa. E os resultados foram sempre muito bons e nós conseguimos ficar livres da varíola. Depois eu fui pra Washington pra chefe do Programa de Erradicação da Varíola lá e participei depois da Comissão Internacional de Erradicação da Varíola e fui inclusive o chefe do programa de erradicação final na... Qual o nome daquele país da...?... Angola [falando bem baixinho]. Em Angola eu fui o responsável pela certifica, para certificar a erradicação da varíola, eles ficaram muito contentes que na reunião que eu presidi, aliás, que eu fui escolhido presidente porque eu falava português em Angola, que tinha gente do Canadá, tinha gente da Europa, tinha gente do Japão, de modo que falando inglês a gente se entendia, mas pra falar pros locais, eles então gostaram muito de mim. Nós fomos lá na parte de certificar a erradicação, eu tive que andar pelo interior antes da reunião pra conhecer o programa. Me lembro bem de [riso] uma ocorrência quando eu ia já pro interior e Angola tinha muita guerrilha, né, e você então...

SO - E tem até hoje.

BR - É ... Tinha que ser acompanhado, eu andava acompanhado por dois jipes, um na frente e outro atrás com soldados de metralhadoras e eu no meu jipe no meio, né. Então eu cheguei um dia pro sujeito da área da capital e disse pra ele “bom, eu vou pra tal lugar, doutor, mas me disse o doutor fulano que não era preciso guarnição nenhuma, porque não...”, “ele é um idiota, não saia daqui sem estar acompanhado pelos dois jipes com soldados”. E você percebia que era preciso isso, porque eu me lembro que eu vim uma vez de repente e os soldados do lado, quando eu viajava pro campo, de metralhadoras, de vez em quando eles paravam num local e saíam na frente pra ver se toda volta não tinha alguém armado em volta, porque eles atacavam em qualquer local, você tinha que estar protegido realmente. De modo que eu tinha conhecido isso e o trabalho se realizou muito bem e nós conseguimos dar como erradicada a varíola em Angola, esse tá publicado no boletim da Organização Mundial de Saúde, né.

SO - Agora de 63 a 64 você foi superintendente da Fundação SESP. Fale sobre o papel desempenhado pelo SESP no campo da saúde pública.

BR - O papel desempenhado pelo SESP no campo da saúde pública foi, o Candau foi um dos superintendentes do SESP nos primórdios do SESP, de modo que ele sempre teve recursos, os americanos colaboraram com muitos recursos para a execução dos programas do SESP. De modo que o trabalho era bem executado que tinha gente recebendo satisfatoriamente e tendo cobertura pra cobrir as áreas de serviço. De modo que o SESP fez a parte de saúde propriamente, de assistência à saúde, a prevenção à saúde e o tratamento com hospitais e tudo realizado nas várias regiões do país, do Amazonas até o Paraná. Aqui, um colega meu que eu, até pouco tempo, encontrava com ele freqüentemente em Curitiba, ele era o superintendente, era o responsável, o diretor regional do SESP aqui no Paraná. E assim nós tínhamos os serviços do SESP voltados em todo, especialmente na área da Amazônia, do Nordeste e do Sudeste um pouco, né. De modo que o SESP fez grandes realizações, foi um exemplo de trabalho muito bom e eu inclusive fui superintendente do SESP por um período pequeno e colaborei muito com o SESP durante as várias atividades que eu exercia no Ministério da Saúde.

SO - Nos centros de saúde o SESP privilegiava o, a... o atendimento preventivo ou também incluía assistência curativa?

BR - Eu acabei de dizer, as duas coisas, ele fazia a parte preventiva vacinando e acompanhando a execução dos serviços pra ver os resultados obtidos. E fazia também a parte curativa, dando assistência médica às pessoas que adoeciam.

SO - Qual era a relação do SESP com os outros órgãos da saúde, como o Ministério e as secretarias estaduais e municipais?

BR - Com o Ministério claro que ele tinha um relacionamento fundamental, que o Ministério que autorizava o SESP a participar dos trabalhos de saúde da área, então ele tinha esse relacionamento e era bem recebido, um diálogo muito bom, os técnicos do SESP eram muito bem qualificados, o superintendente em geral era muito bem recebido, o Penido, Henrique Maia Penido, meu colega inclusive do Santo Inácio, ele foi superintendente do SESP por vários anos, né, o Candau mesmo foi um dos superintendentes do SESP e por aí eles tinham relacionamento bem nos estados, com as autoridades estaduais.

De modo que aí o resultado era sempre muito favorável, o SESP era bem recebido e buscado muitas vezes para participar com o estado. O estado não podia cobrir determinadas áreas, então faziam-se convênios com o SESP e o SESP assumia o controle de certas áreas para desenvolver ações de saúde na área.

SO - Como o SESP era visto na saúde pública? Sabe-se que alguns sanitaristas, entre eles Mário Magalhães da Silveira tinha uma posição contrária ao SESP, por que?

BR - O doutor Mário Magalhães era de um modo geral contrário a tudo, ele criticava, por exemplo, qualquer coisa que ele achasse que tinha qualquer vínculo estrangeiro, os cursos internacionais ele também não gostava. No meu caso ele, por exemplo, um dia pegou o meu livro de administração de saúde pública numa aula que ele tava dando na escola, pegou o livro assim, jogou e disse assim “financiado com o dinheiro dos americanos”. E não foi verdade, deram um auxílio pra poder ser impresso logo, mas ele sistematicamente atacava as pessoas e criticava quando não eram ... ele era um homem inteligente, mas era uma pena porque desperdiçava. Ele fazia com Barreto miséria toda hora, atacava o Barreto, falava mal dele em qualquer lugar, depois vinha procurar falar com ele, era um homem difícil, morreu até há pouco tempo parece.

De modo que era um homem difícil de relacionamento, de modo que ele não aceitar o SESP era mais uma das tarefas que ele tinha de afetar o estrangeiro, e ele naturalmente devia achar que o Brasil era muito rico, não precisava de nenhum recurso estrangeiro pra poder se desenvolver. De modo que essa atitude dele era como ele criticava as pessoas, não dava atenção e sempre não estava satisfeito com o que estava acontecendo.

SO - Na década de 60 o SESP passava por uma crise financeira, [tosse no fundo] você podia explicar qual era o conteúdo dessa crise?

BR - Bom, deve ter sido porque o dinheiro, a redução dos recursos que eram fornecidos que eram fornecidos pelo governo americano, de modo que claro que aí reduziu enormemente, que o SESP, todo mundo no SESP trabalhava em dedicação exclusiva, de modo que a verba que se pegava do Amazonas a Porto Alegre, que até o Rio Grande do Sul tinha uma atividade do SESP, era na hora que isso foi reduzido, eles ficavam em problemas pra poder sustentar aquela máquina que tinha sido montada com um mínimo de atuação e de capacidade.

SO - Havia algum tipo de ciúmeira entre o pessoal do SESP e o pessoal do Ministério em função talvez dessa verba americana, ou alguma coisa assim?

BR - Eu não conheci nada de maior, o Mário naturalmente com o grupo dele é possível que criticassem, mas os outros não, porque havia só uma vantagem para a população brasileira, do SESP ter [?] e do grupo todo brasileiro, todos que estavam no SESP eram brasileiros que trabalhavam. De modo que aí tinha naturalmente um representante americano junto a superintendência do SESP, vários deles eu conheci bem, bons colegas americanos, interessados em trabalhar da melhor maneira possível com o país, eles não tinham interesse nenhum em estar diminuindo as coisas nacionais. De modo que é uma, é uma, eu nunca achei razão pra alguém tá criticando e combatendo o SESP porque tinha um auxílio americano. De modo que essa é a razão que eu não encontro pra..., não encontro razões pra justificar isso.

SO - E como você foi indicado superintendente do SESP?

INTERRUPÇÃO DA FITA

BR - Muitas vezes um Ministro indicava um técnico porque ele conhecia atividades dele em outras áreas ou em anos anteriores, de modo que a indicação foi apenas isso, eu era um dos técnicos do Ministério da Saúde e era suficientemente conhecido pra ter possibilidade de ser indicado.

SO - Quais foram suas realizações durante a gestão como superintendente?

BR - Não tive nenhuma gestão, nenhuma modificação de técnica nem nada, porque achava que o SESP tava perfeitamente bem organizado, o Dr. Henrique Maia Penido que me antecedeu na administração era um colega de primeira e de grande valor. De modo que o SESP já estava estruturado e caminhando normalmente, de modo que eu apenas mantive o ritmo de progresso que o SESP vinha mantendo no Brasil inteiro.

SO - O que era ser “sespiano”? Quais eram as diferenças entre um sanitarista formado pelo SESP e pelo Ministério da Saúde?

BR - Não, não havia diferença maior porque inclusive o SESP adotava já o pessoal que tinha o curso de saúde e o curso de saúde era do Ministério, não era do SESP. De modo que ele aproveitava os técnicos e chamava de “sespiano” porque trabalhou no SESP, e alguns nunca foram de outra coisa senão do SESP, vários colegas trabalharam a vida inteira enquanto trabalharam no SESP e não de outra área. Eu por exemplo trabalhei no SESP e era do Ministério, quer dizer, eu era ambidestro, podia trabalhar num ou noutro, mas muitos não

ficavam vinculados só ao SESP ou outros do Ministério jamais foram convidados a trabalhar no Ministério.

SO - Pois é, mas isso tinha, o senhor não nos explicou, tinha enciumada ou tinha vantagem financeira ou alguma coisa assim?

BR - Bom naturalmente... O SESP quando você ia pra lá você ganhava como se fosse do SESP, né, que era maior o salário porque eles eram dedicação exclusiva e nós não...

SO - Pois é.

BR - ...éramos. Claro, aí já era uma boa diferença, você era obrigado a trabalhar no SESP com dedicação exclusiva, você não podia ter consultório nem nada. De modo que essa podia ser pra alguns já, mas eles ganham mais, ganham mais porque deixaram eles ganha..., receberem mais, aqui não pagam porque o governo não resolve fazer dedicação exclusiva, combate sempre que com dedicação exclusiva foi a vida inteira.

SO - Em 1963 aconteceu a III Conferência Nacional de Saúde, esta Conferência consagrou a idéia da municipi..., municipalização dos serviços de saúde. Dê a sua opinião a respeito da municipi..., municipalização.

SO - [Risada].

BR - Bom, a municipalização claro que pode ser uma boa saída. Acontece é que o problema é que a política influi muito na seleção dos prefeitos, que freqüentemente não são tão qualificados para assumir essa parte de saúde na sua administração, então, já de qualquer maneira não tem municipalização nenhuma, não há uma norma de produção, uma norma de critério para obedecer questões de saúde. Por isso eu acho que é meio perigoso entregar só às prefeituras os serviços de saúde porque elas não têm freqüentemente recursos pra atender ao mínimo de atividades. É preciso que elas devam participar, deve ser obrigado e é útil, mas não que ela assuma a responsabilidade total sem o recurso financeiro satisfatório porque senão vai ser um fracasso absoluto.

SO - Entre 1967 e 1974 [ruído] você trabalhou na Organização Panamericana de Saúde como assessor regional, como chefe do departamento de doenças transmissíveis e como chefe interino do departamento de erraca..., erradicação da malária. Conte como foi o convite para trabalhar na OPAS.

BR - Na OPAS o Dr. Alfredo Bica que era meu amigo e que trabalhava lá tinha me convidado mais de uma vez para trabalhar na OPAS e eu nunca tinha aceitado porque eu tava vinculado aos problemas brasileiros de saúde, até que nessa oportunidade o Bica resolveu falar com o [Dr. Horwitz?], que era o diretor da Organização que me convidasse pra ir trabalhar no departamento dele em Washington pra ficar com o programa de varíola. E o Horwitz disse “ele não vem porque ele nunca veio, nunca aceitou trabalhar com a gente” e o Bica disse “mas vamos perguntar, doutor” e eu fui. E o Horwitz eu gostava dele, um chileno, era um homem interessante em alguns aspectos, tinha lá suas [?], mas quem que não tem, né, mas

ele foi um bom diretor, muito, foi também quatro vezes parece conseguiu se reeleger pra diretor da, da OPAS e eu fui trabalhar com o Bica então ficando encarregado do programa de erradicação da varíola nas Américas e trabalhava com ele no departamento. Quando ele se aposentou, eu assumi o departamento dele e depois de eu estar já há vários meses como chefe desse departamento, o Horwitz me botou um dia pra chefiar o programa de malária também porque o colega tinha saído.

SO - Nessa época foi lançada a campanha de erradicação da varíola a nível mundial. Qual foi o papel da OPAS e da Organização Mundial de Saúde nessa campanha? Como foi a relação com os governos dos países onde a campanha foi intensa, especificamente no Brasil?

BR - Então, foi a colaboração completa da OMS em todos o mundo porque a malária foi praticamente erradicada.

SO - A varíola.

BR - A varíola é, em todo mundo. De modo que aí já se fez o programa orientado nas bases da, com o programa elaborado havia em Washin, em Genebra um, aliás um americano que era o chefe do programa de erradicação da varíola do mundo, porque na Organização Mundial ela tinha a precedência em fazer sempre as coisas de qualquer outra entidade. E depois nas Américas também se criou o mesmo programa para erradicar a varíola, que era de certa maneira limitada a uns poucos países. De modo que então decidiu-se que as Américas então, daí essa referência que eu fiz do colega americano que tava lutando pra ver se conseguia primeiro erradicar no outro país, em vez de se dar como erradicada nas Américas.

SO - E os governos todos desses países, eles colaboraram, principalmente, especificamente o Brasil?

BR - Colaboraram, colaboraram bastante.

Fita 3 – Lado B

SO - ...Pra campanha de erradicação da varíola a nível de recursos, de pessoal, de seus sucessos e dificuldades.

BR - É, dificuldades não, porque não se tinha o dinheiro sobrando pra poder fazer a campanha, mas o governo federal contribuiu intensamente para a erradicação e alguns estados também colaboraram com o seu pessoal, com suas equipes para se conseguir a erradicação, que era um programa nacional, ficar livre da varíola que era o [?], o Brasil foi durante muitos anos o exportador da varíola pros países vizinhos, ia frequentemente pra Argentina, ia pro Paraguai, ia pra Bolívia. De modo que até aí se concentraram os esforços e os países ajudavam também no que estava ao alcance deles.

SO - O pessoal também eles cediam, tudo isso eles cediam?

BR - É.

SO - Agora você fale um pouco sobre o Dr. Alfredo Bica e sua atuação na OMS.

BR - Dr. Alfredo Bica foi por mais de 20 anos, trabalhando com a Organização Mundial de Saúde, aliás com a Panamericana principalmente. Ele estava em Washington e teve o departamento de doenças transmissíveis durante grande número de anos, ao qual eu substituí, quando ele se aposentou eu assumi o departamento de doenças transmissíveis em Washington, mas Dr. Bica é um colega estudioso, capaz, metuculoso nas ações, de modo que ele deu um auxílio muito grande à Organização Panamericana da Saúde, a sua participação no programa de saúde do [?].

SO - E também nós queríamos saber um pouco sobre as suas atividades como chefe do departamento de doenças transmissíveis.

BR - É, eu senti, continuei os programas que encontrei elaborados, então isso foi justamente o que eu pude executar e fazer cumprir o programa de vacinação ou os programas de controle das outras doenças transmissíveis.

SO - Como era seu relacionamento, por exemplo, com os chefes da, da OPAS nos, nos países, quer dizer, os funcionários da OPAS nos outros países da América?

BR - Era muito boa porque você quando vinha de Washington era sempre recebido pelo representante da OPAS no país e o pessoal que tinha ligação com os programas que você coordenava, ficavam imediatamente ligados a você durante toda sua permanência no país para colaborarem diretamente com aquele elemento que vinha de Washington, aquele chefe de departamento ou membro do departamento que vinha de Washington.

SO - Houve alguma grande campanha nessa época que você era chefe do departamento de doenças transmissíveis?

BR - A varíola era, o término da campanha de erradicação da varíola foi a mais importante da época, né.

SO - E a de erradicação da malária, também tem alguma coisa assim que você queira dizer?

BR - A malária tinha um departamento próprio em Washington.

SO - É?

BR - É.

SO - E alguma campanha de erradicação de malária assim, você que era chefe dos serviços de doenças transmissíveis?

BR - Mas, mas tinha um departamento próprio a malária, não ficava vinculada.

SO - Não era subordinada a você?

BR - Não, a doenças transmissíveis não.

SO - Você escreveu o livro Fundamentos da Administração Sanitária em 1967. Como surgiu a idéia de escrever um livro sobre este tema?

BR - Porque não havia um livro nacional de administração de saúde, todos os livros que se tinham eram livros americanos, muito bons todos, mas muito difíceis pra determinados colegas, especialmente de muitos estados de entrarem no âmago das questões porque estavam escritos em inglês, né. De modo.

(Interrupção da fita)

SO - Fale sobre o programa PAPE, sobre Manoel Ferreira e o apoio para a publicação do livro.

BR - Do meu livro?

SO - É, do seu livro de Fundamentos de Administração Sanitária.

BR - É, ele conseguiu o apoio pro meu livro porque o pessoal da Organização colaborou na impressão, porque eu não consegui patrocinador no Brasil, de modo que eles mandaram imprimir o livro e a primeira edição foi feita assim com financiamento da Organização Panamericana. De modo que aí eu agradei muito porque foi bem aceito no Brasil e depois numa segunda edição quando a Wanda inclusive me ajudou, minha mulher, me ajudou a fazer a revisão da segunda edição, aí já saiu um número maior de exemplares e ele continua sendo o único livro de administração sanitária do Brasil que existe no Brasil.

SO - E qual a importância deste livro na formação de recursos humanos para a saúde pública?

BR - É, importância porque dá uma norma, além de exemplificar uma série de casos no país, nós temos uns colegas podendo ter um guia pra ele formar a sua orientação, a sua diretriz na parte de administração de saúde. Se não antigamente tudo era assim [?] ou se ele tinha ele mesmo era tudo de iniciativa individual, aí ele já tem umas certas normas, eu dava no curso de saúde eu usava meu livro, eu quando dei o curso de saúde de administração, o livro era muito usado, né.

SO - Você foi assessor do Ministro da Saúde em 1975. E fale sobre o convite para ser assessor do Ministro e sua volta para o Brasil.

BR - O ministro Almeida Machado me encontrou um dia quando ele foi a uma reunião em Washington e quando eu saía da sala com ele, ele me disse “seu gabinete e seu local pra trabalhar lá comigo, já está tudo pronto, estamos só esperando sua chegada”, foi o convite

que ele me fez. De modo que quando eu vim ao Brasil, ele automaticamente me recebeu, me deu posse no lugar de assessor dele, no lugar de assessor do Ministro da Saúde e eu trabalhei ali com ele algum tempo.

SO - E sua relação com o Ministro e com o grupo do Ministério que trabalhava com ele?

BR - Me dei muito bem com ele e com todo mundo mais.

SO - Trace um panorama da saúde pública brasileira nesta época.

BR - [Cochicho] O panorama da saúde, o Ministro era um Ministro dinâmico, muito responsável, tava sempre [cochicho], tava sempre acompanhando todos os aspectos dos serviços da saúde, ele viajava muito, era muito exigente, era muito exigente nas normas e no cumprimento das responsabilidades. De modo que era uma maneira mais ou menos tranqüila de baixar o ministério na administração Almeida Machado.

SO - E como vê a questão da introdução do planejamento para a definição de políticas de saúde e o papel representado nesse sentido pela Secretaria de Planejamento sobre o comando de João Paulo dos Reis Veloso?

BR - Isso aí não vejo nenhuma influência não, porque isso era o panorama geral, o programa do Ministério é outra coisa. Isso esquece de responder.

SO - E a sua opinião a respeito da nova organização do Ministério da Saúde?

BR - Eu achei favorável, eu estava lá dentro do Ministério.

SO - Nessa época, né?

BR - Essa época, de modo que acho que não teve nenhum, nenhum, nenhuma coisa intempestiva, nem inadaptável.

SO - Você foi coordenador regional de saúde da região sudeste de 1975 a 1979...

BR - É.

SO - Como foi a sua indicação para exercer essa função, quem que te indicou?

BR - O Ministro.

SO - Quem era?

BR - Almeida Machado.

SO - Esse mesmo?

BR - Eu fui trabalhar então, eu fui ser o coordenador, era Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e estado do Rio.

SO - E as atividades desenvolvidas durante a sua gestão nessa época, quais foram?

BR - Bom, eu tinha que acompanhar os programas elaborados de saúde pelos estados e apoiar com todos recursos possíveis do Ministério para o desenvolvimento dentro dessas ações.

SO - E em seguida também foi coordenador regional da saúde da região sul, também de 77 a 79.

BR - Sul. Quando mudou o coordenador da região sul, o Ministro, eu tinha São Paulo também na minha jurisdição, né, o Ministro um dia na reunião disse “o Dr. Augusto Bastos Filho não vai mais ser o coordenador da região sul e o Dr. Bichat vai ficar acumulando a região sudeste com a região sul. Então eu assumi os três estados da região sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

SO - E as atividades desenvolvidas durante essa gestão também?

BR - Pois é, tinha que fazer a coordenação, como assessor regional eu tinha que acompanhar os programas nos vários estados e sugerir algumas, alguns aspectos que pudessem parecer mais úteis para isso.

SO - E qual é a sua avaliação atual sobre a situação de hoje da saúde pública brasileira?

BR - A situação social é muito triste porque eles acabaram com a dedicação exclusiva no pouco tempo que ela durou, depois a política voltou a influir nos, na ocupação dos lugares técnicos. De maneira que os profissionais que dedicaram toda a sua vida à saúde ficam marginalizados, de modo que o programa, a situação tem que ser modificada. É preciso retomar de novo as normas que dão ênfase ao profissional de saúde preparado pra isso e qualificado pra isso e não porque vem apenas porque é colega, o outro vem de fora porque tem um amigo político que indica ele para o lugar.

SO - Sim, mas aaa.... os sanitaristas de sua geração com as de hoje, você acha que era um tempo melhor ou que você acha que vocês.

BR - Porque agora não tem mais, filha, eu tô dizendo que não tem mais, agora você indica o sujeito pra ser chefe de seção disso, daquilo e daquilo outro.

SO - Sim, mas tem a formação na Escola de Saúde Pública.

BR - Não, ele não vê isso daí não, esses estão escolhidos porque o Ministro entrou e pega o sujeito lá nas terras dele.

SO - É política.

BR - É indicação política pura, né.